

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**INVESTIGAÇÃO SOBRE ASSOCIAÇÕES ENTRE HABILIDADES  
SOCIAIS E DÉFICIT RELACIONAL**

Rafael Rubens de Queiroz Balbi Neto

Vitória  
2011

RAFAEL RUBENS DE QUEIROZ BALBI NETO

**INVESTIGAÇÃO SOBRE ASSOCIAÇÕES ENTRE HABILIDADES  
SOCIAIS E DÉFICIT RELACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Prof. Dr. Sávio Silveira de Queiroz.

UFES  
Vitória, março de 2011.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

B172i Balbi Neto, Rafael Rubens de Queiroz, 1982-  
Investigação sobre associações entre habilidades sociais e  
déficit relacional / Rafael Rubens de Queiroz Balbi Neto. – 2011.  
115 f.

Orientador: Sávio Silveira de Queiroz.  
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal  
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Rorschach, Teste de. 2. Habilidades sociais. 3. Relações  
humanas. I. Queiroz, Sávio Silveira de, 1960-. II. Universidade  
Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e  
Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

---

# **INVESTIGAÇÃO SOBRE ASSOCIAÇÕES ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E DÉFICIT RELACIONAL**

RAFAEL RUBENS DE QUEIROZ BALBI NETO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 10 de março de 2011, por:

---

Prof. Dr. Sávio Silveira de Queiroz – Orientador, UFES

---

Prof. Dra. Mariane Lima de Souza – UFES

---

Prof. Dra. Cláudia Patrocínio Pedroza Canal – Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, Centro Universitário de Vila Velha

Dedico este trabalho a Deus, que tem me acompanhado incondicionalmente em todas as minhas realizações estudantis e profissionais.

## AGRADECIMENTOS

Ao professor Sávio Silveira de Queiroz, pela dedicação em minha formação acadêmica, científica e pessoal.

Às professoras Cláudia Patrocínio Pedroza Canal e Mariane Lima de Souza, membros das bancas examinadoras, pela atenção, dedicação e colaboração na produção deste trabalho.

Aos professores, Adriano Pereira Jardim, Agnaldo Garcia, Almir Del Prette, Antonio Carlos Pacheco e Silva Neto, Elizeu Batista Borloti, Paulo Rogerio Meira Menandro, Regina Sonia Gattas Fernandes do Nascimento, Sonia Regina Fiorim Enumo e Zilda Aparecida Pereira Del Prette, e aos colegas de formação, Andréa Nascimento, Alexsandro Luiz de Andrade, Fernanda Schiavon Ogioni, Maria Cecília Costa Oliveira, Rosângela Seba, pelas ideias ao longo da minha formação e pelas sugestões na produção deste trabalho.

Aos graduandos de psicologia e futuros colegas de profissão que auxiliaram neste trabalho, na realização da aplicação, da correção e da digitação de instrumentos e na sugestão de possíveis interpretações dos mesmos, em especial à Julia Carolina Rafalski, que acompanhou este trabalho desde o início, à Jessica de Baptista Vieira, e ao Vladmyr Miroslav Porto Lobianco.

Ao meu avô, Fernando Ruy, pelo estímulo constante e aos vultosos investimentos na minha educação superior.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, pela oferta e concessão de bolsa, fundamental na realização deste trabalho.

Aos meus amigos, Débora Rigamonti Gomes, Luana Tamara Pescuite, Luiz José Marini Silva, Jailson Schuwanz, Henry Schneider Ruy, Patrick da Silva Oliveira, Renata Massalai, Raquel Scarinzi Ruy, e aos meus familiares, Antonieta Espinosa Balbi, Rafael Rubens de Queiroz Balbi Junior, Rose Mary Ruy Balbi, Fernando Estevam Bravin Ruy, Juliana Ruy Balbi e Deuzi Caetano da Silva Vimercati, pelos constantes incentivos e preocupações com os trabalhos no mestrado. E à Priscilla Rosa Frigini pelo carinho, cuidado, dedicação e amor.

*Não considere nenhuma prática como imutável. Mude e esteja pronto a mudar novamente.*

*Não aceite verdade eterna. Experimente.*

**B. F. Skinner**

## RESUMO

As pesquisas com o Método de Rorschach no Sistema Compreensivo, estudando população adulta de não pacientes, no Brasil, caminham para normatização. Estudos de metanálise transculturais sobre esses resultados apontam que a amostra brasileira apresenta os maiores valores para o Índice de Déficit Relacional (CDI) dentre 14 países. O CDI se relaciona com o manejo da demanda das relações sociais, podendo variar de 0 a 5, sendo que pessoas avaliadas como CDI=4 ou 5, consideradas positivas para o CDI (CDI+), normalmente apresentam problemas no enfrentamento das demandas comuns do meio social. A descrição de Habilidades Sociais (HS) assemelha-se à do CDI, servindo assim para investigar o CDI. O objetivo desta pesquisa de método misto concomitante é entender melhor as relações entre Déficit Relacional e Habilidades Sociais. Para isso, participaram da pesquisa 27 universitários avaliados pelo Inventário de Habilidades Sociais (IHS) como altas habilidades sociais (AHS; IHS>75%) ou baixas habilidades sociais (BHS; IHS<25%), sendo 12 BHS e 15 AHS, 14 do sexo masculino (9 BHS e 5 AHS) e 13 do sexo feminino (6 BHS e 7 AHS). Os participantes foram avaliados pelo Método de Rorschach e por uma entrevista qualitativa que investigou, entre outros fatores, as demandas sociais e os relacionamentos interpessoais. Dos 27 avaliados, 8 (29,6%) apresentaram CDI+, valor abaixo da amostra brasileira, que é de 55%. A amostra é pequena, não permitindo refutar possíveis associações significativas entre as medidas do CDI e do IHS. Todavia, das 15 BHS, 06 (40%) foram avaliadas CDI+; por outro lado, das 12 AHS, apenas 02 (16,7%) foram avaliadas CDI+. Portanto, há indicação de que pessoas avaliadas como BHS tendem mais a CDI positivo do que AHS. Os resultados da entrevista qualitativa apontam semelhança entre os relatos de participantes avaliados como BHS e os avaliados CDI+, indicando associação qualitativa descritiva entre Déficit Relacional e Baixas Habilidades Sociais. Conclui-se que os dados apontam validade do CDI para populações de escolaridade superior ou superior incompleto, e o Método de Rorschach como instrumento válido para avaliação de relações interpessoais com essa população.

Palavras-chave: Teste de Rorschach; Habilidades Sociais; Relações Interpessoais.



## ABSTRACT

The surveys with Rorschach Method in the Comprehensive System, on adult, non-patient population in Brazil, are converging to standardization. Meta-analytical, trans-cultural surveys on those results indicate that the Brazilian samples present the highest rates in the Coping Deficit Index (CDI) among 14 countries. CDI refers to handling with demand of social relationships, varying from 0 to 5, where those rated CDI=4 or 5, and therefore considered CDI positive (CDI+), usually have problems in responding to ordinary demands from social environment. The description of Social Skills (SS) is similar to that of CDI, and can therefore be used to investigate CDI. The purpose of this research about concomitant, mixed method is to better understand the relationships between CDI and SS. For that purpose, 27 undergraduates, scored, after the Inventory of Social Skills (ISS), as either high social skills (HSS; ISS>75%), or low social skills (LSS; ISS<25%), took part of the survey. 12 of them were LSS and 15 HSS, with 14 males (9 LSS and 5 HSS) and 13 females (6 LSS and 7 HSS). The subjects were evaluated after the Rorschach Method, as well as after a qualitative interview that investigated, among other factors, both social demands and interpersonal relationships. Out of the 27, 8 (29.6%) presented CDI+, below the 55% of the Brazilian sample. Since the sample is narrow, there is no sufficient evidence against possibly significant associations between CDI and ISS. Nonetheless, out of the 15 LSS, 06 (40%) were scored CDI+; on the other hand, out of the 12 HSS, only 02 (16.7%) were scored CDI+. Thus, there is indication that people evaluated as LSS tend to a positive CDI, rather than HSA do. The results of the qualitative interview indicate similarity between the accounts of the subjects scored as LSS and those of the evaluated as CDI+, showing descriptive qualitative association between Coping Deficit and Low Social Skills. It is concluded that data support CDI validity for both graduate and undergraduate populations, and that Rorschach Method is a valid instrument for interpersonal relationships surveys among such population.

Keywords: Rorschach Test, Social Skill, Interpersonal Relationships

## SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
LISTA DE TABELAS.....	10
LISTA DE FIGURAS.....	11
I. INTRODUÇÃO.....	12
1. Apresentação.....	12
2. Objetivo geral da pesquisa.....	13
3. Orientações metodológicas.....	13
II. ESTUDO 1 – METANÁLISE DE RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO MÉTODO DE RORSCHACH EM PAÍSES OCIDENTAIS.....	17
1. Introdução.....	17
2. Método.....	24
3. Análise de dados e Resultados.....	24
4. Discussão e conclusão.....	28
5. Referências.....	29
III. ESTUDO 2 – INVESTIGAÇÃO SOBRE ASSOCIAÇÕES ENTRE ÍNDICE DE DÉFICIT RELACIONAL E INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS.....	33
1. Introdução.....	33
2. Método.....	36
3. Resultados e Discussão.....	43
4. Referências.....	50
IV. ESTUDO 3 – INVESTIGAÇÃO SOBRE ASPECTOS DE RELACIONAMENTO INTERPESSOAL E DEMANDAS SOCIAIS EM PESSOAS AVALIADAS COMO BAIXAS EM HABILIDADES SOCIAIS OU COMO POSITIVAS PARA DÉFICIT RELACIONAL.....	52
1. Introdução.....	53
2. Método.....	58

3. Resultados e Discussões.....	63
4. Conclusões prévias.....	94
5. Referências.....	95
V. COMENTÁRIOS FINAIS.....	96
1. Integração de dados e limitações da pesquisa.....	96
2. Outras limitações.....	96
3. Outros comentários.....	97
VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98
VII. APÊNDICE.....	102
Apêndice 1. Roteiro de entrevista qualitativa.....	102
Apêndice 2. Termo de consentimento livre e esclarecido para participação em pesquisa.....	106
Apêndice 3. Exemplo ilustrativo de tematização de uma entrevista.....	107
Apêndice 4. Quadros resumos das categorias temáticas das repostas dos entrevistados do Estudo 3.....	112

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Média (M) e Desvio Padrão das onze variáveis nos 16 artigos analisados e no Brasil.....	27
Tabela 2– Relação de países (números de participantes entre parênteses) que apresentam o maior valor em cada uma das variáveis analisadas, e seus respectivos valores em porcentagem.....	28
Tabela 3– Frequência e porcentagem de participantes distribuídos segundo sexo, estado civil e faixa etária.....	44
Tabela 4– Frequência e porcentagem de participantes distribuídos segundo faixas de Anos de Escolaridade.....	44
Tabela 5– Frequência e porcentagem dos participantes distribuídos segundo faixas de Cor da Pele autodeclarada.....	45
Tabela 6– relação dos participantes (de P1 a P27) e suas respectivas pontuações e classificações no IHS (Faixa de classificação e Percentil) e CDI (CDI Escalar e Classificação).....	46
Tabela 7– Mínimo, máximo, média e desvio padrão das variáveis escalares medidas pelo CDI (CDI escalar) e pelo IHS (IHS Total, F1, F2, F3, F4 e F5).....	47
Tabela 8– Distribuição dos participantes quanto à frequência e à porcentagem, conforme as medidas ordinais do CDI e do IHS.....	48
Tabela 9– Distribuição, em tabela de contingência, dos participantes quanto à frequência e à porcentagem, segundo o CDI e o IHS Faixa.....	50
Tabela 10– Frequência entre os participantes avaliados como Baixo e Alto no IHS e as percepções deles sobre a Facilidade para fazer amigos.....	90
Tabela 11– Porcentagem entre os participantes avaliados como Baixo e Alto no IHS e as percepções deles sobre a Facilidade para fazer amigos.....	91
Tabela 12– Distribuição, em tabela de contingência, dos participantes quanto à frequência e porcentagem da frequência, segundo o IHS Faixa e o relato dos participantes sobre o quanto as pessoas se aproveitam deles.....	91
Tabela 13– Distribuição, em tabela de contingência, dos participantes quanto à frequência e à porcentagem da frequência, segundo o IHS Faixa e o relato do relacionamento passado com os irmãos.....	93
Tabela 14– Distribuição, em tabela de contingência, dos participantes quanto à frequência e à porcentagem da frequência, segundo o IHS Faixa e o relato do relacionamento atual com a mãe.....	94

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Apresenta os dados das medidas dos 16 artigos analisados (Média menos 01 Desvio Padrão – M-1DP –, a Média, a Média mais 01 Desvio Padrão – M+1DP) e do Brasil.....	27
Figura 4.1. Quadro resumo das categorias temáticas das repostas dos entrevistados sobre demandas sociais.....	112
Figura 4.2. Quadro resumo das categorias temáticas das repostas dos entrevistados sobre relacionamento interpessoal com amigos e irmãos.....	113
Figura 4.3. Quadro resumo das categorias temáticas das repostas dos entrevistados sobre relacionamento interpessoal com pai e mãe.....	114

## I. INTRODUÇÃO

### 1. Apresentação<sup>1</sup>

A trajetória do autor no campo de estudo da avaliação psicológica começou muito cedo, na participação voluntária em pesquisas desenvolvidas durante a graduação. O interesse pelo Método de Rorschach (MR) se deu mais tarde, com o ingresso no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFES. Inicialmente não havia um problema de pesquisa muito claro sobre o MR, com isso este trabalho teve como ponto de partida um problema de pesquisa muito amplo, buscar problemas de pesquisa social e cientificamente relevantes sobre o Método do Rorschach, a revisão inicial da literatura tinha por finalidade chegar a novos problemas de pesquisa com o Método de Rorschach.

Logo, esta pesquisa foi organizada em três estudos: no primeiro, será apresentada uma revisão da literatura sobre o Método de Rorschach no Sistema Compreensivo, juntamente com metanálise comparando os resultados de normatização brasileira em indicadores de relações interpessoais com os resultados de trabalhos de normatização do Método de Rorschach no Sistema Compreensivo em outros 13 países, encerrando com diferentes problemas de pesquisa em torno do Índice de Déficit Relacional (CDI). Os estudos subsequentes trazem contribuições para responder os problemas levantados no Estudo 1. O Estudo 2 apresentará proposta de investigação quantitativa, a fim de pesquisar o Déficit Relacional (Método de Rorschach) por associação com Habilidades Sociais (Inventário de Habilidades Sociais).

Já o Estudo 3, complementando as investigações do Estudo 2, utilizará como instrumento adicional a entrevista qualitativa, fornecendo dados de texto, diferenciados dos

---

<sup>1</sup> Nota do Autor: a redação desta dissertação obedece às normas da recente reforma ortográfica da Língua Portuguesa, em vigor desde 2009, porém, nos casos de citações, foi mantida a redação original escrita pelos autores pesquisados.

do Estudo 2. Os comentários finais integrarão os resultados dos estudos, apontando as limitações desta pesquisa e as possibilidades de aperfeiçoamento para possíveis replicações, bem como propostas de pesquisas futuras. Cada um dos estudos está sob forma de artigo, faltando apenas as formatações finais conforme recomendações de Banca e periódicos escolhidos para submissão.

## 2. Objetivo geral da pesquisa

O objetivo desta pesquisa de método misto concomitante é entender melhor as relações entre Déficit Relacional e Habilidades Sociais. Os objetivos específicos do projeto desta pesquisa foram reorganizados em cada um dos estudos para melhor atender ao problema de pesquisa e apresentar resultados científica e socialmente mais relevantes.

## 3. Orientações metodológicas

Segundo Pereira (1999), “as variáveis [de um estudo] são o agrupamento das medidas [...] de um dado objeto de estudo, realizado em diferentes unidades de observação” (p.42). Assim, ao longo dos estudos distinguiremos variável e medidas de variável, já que uma variável poderá ter diferentes medidas. Descreveremos abaixo o objeto de estudo e as variáveis de estudo. As unidades de medida destas variáveis serão apresentadas em cada Estudos deste trabalho.

### 3.1. Objeto de estudo

O objeto de estudo é o fenômeno que se quer estudar (Pereira, 1999). Neste trabalho, foi escolhido como objeto o Déficit Relacional, mensurado pelo Índice de Déficit Relacional do Método de Rorschach no Sistema Compreensivo.

### 3.2. Variável Dependente e Independente

As variáveis dependentes são as medidas do fenômeno que se quer estudar e explicar (Pereira, 1999). No caso desta pesquisa, as medidas do Índice de Déficit Relacional (CDI) do Método de Rorschach no Sistema Compreensivo são as variáveis dependentes. Por outro lado, as variáveis independentes são medidas que provavelmente explicarão a variável dependente (Pereira, 1999). Nesse caso, são os dados sobre as habilidades sociais e sobre os relacionamentos com familiares e amigos.

### 3.3. Estudo de método misto

Para investigar o Déficit Relacional, optou-se pelo uso de método misto, que tem como alegação de conhecimento o pragmatismo, ou seja, “não [se] está comprometido com um único sistema de filosofia e realidades” (Creswell, 2007, p. 29), podendo-se utilizar procedimentos qualitativos e quantitativos na mesma pesquisa.

Os estudos de métodos mistos ou procedimentos mistos (ou multimétodo) são recentes em ciências humanas, provavelmente desde 1959, com pesquisas sobre característica psicológica, de Campbell e Fiske (Creswell, 2007). Isso requer breve definição de pesquisa com métodos mistos.

Os procedimentos de método misto consistem na associação de dados quantitativos (objetivos) e qualitativos (dados de texto e/ou imagem) de modo sequencial ou concomitante. No caso deste trabalho, trata-se de método misto concomitante com convergência (ou triangulação) “de dados quantitativos e qualitativos a fim de obter uma análise ampla do problema de pesquisa” (Creswell, 2007, p 33). Enfim, a coleta de dados quantitativa e qualitativa ocorre na mesma etapa de pesquisa, e, posteriormente, na análise de dados, as informações são integradas na interpretação dos resultados gerais (Creswell, 2007). Pesquisas de método misto concomitante geram um problema: o número de participantes deve gerar dados quantitativos mínimos para uma pesquisa classificada como



quantitativa; assim, os dados qualitativos se tornam abundantes para pesquisa classificada como qualitativa, podendo até comprometer o cronograma de análise de dados, caso não seja bem planejada e executada. Portanto, os pesquisadores devem ser habilidosos na escolha dos instrumentos, na proposição do número de participantes, bem como na seleção dos dados qualitativos que serão analisados e discutidos.

Esta pesquisa, de modo geral, é exploratória e descritiva, por faltarem pesquisas no Brasil investigando especificamente o Índice de Déficit Relacional do Método de Rorschach no Sistema Compreensivo. Todavia, utiliza instrumentos precisos, gerando dados quantitativos (e objetivos) e qualitativos.

### 3.4. Dados Qualitativos e Quantitativos

A distinção de dados qualitativos e quantitativos, conforme feita por Creswell (2007), é semelhante ponto de vista da fenomenologia semiótica. Todavia, a diferenciação é feita entre dados do tipo *Data* e do tipo *Capta*. Na perspectiva de Lanigan (1997), dados do tipo *Capta* são os tomados como evidência, da ordem de experienciado/experienciando/experienciador, em que o foco está em como a experiência é tomada, ou captada, e como o participante a descreve. Por outro lado, dados do tipo *Data* são fornecidos (não tomados) como evidência, em que a “lógica é dada (data) ao fenômeno a fim de prever se a atribuição permanecerá ou não” (Lanigan, 1997, p. 23), da ordem de experienciador/experienciando/experienciado. Assim, dados quantitativos (objetivos) e qualitativos podem ser do tipo *Capta*, dependendo apenas do uso que se faz deles. Nesta pesquisa de método misto, buscou-se aliar as vantagens de dados quantitativos (objetivos) e qualitativos analisados com o método fenomenológico.

Ademais, segundo Pereira (1999), todas as análises estatísticas provenientes de questões fechadas são análises qualitativas de dados, pois geram medidas ordinais ou

nominais, ou seja, a grande maioria dos dados qualitativos pode se converter em dados objetivos e ser analisada como dados quantitativos (por meios de estatística inferencial), desde que estejam em quantidade suficiente. Isso, de maneira alguma, torna impróprio o uso qualitativo de dados objetivos (escalares ou ordinais). Esse pensamento se alinha com a perspectiva da fenomenologia semiótica, em que é possível a reversibilidade de dados quantitativos em qualitativos (Souza & Gomes, 2003).

## II. ESTUDO 1 - METANÁLISE DE RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO MÉTODO DE RORSCHACH EM PAÍSES OCIDENTAIS

### Resumo

Este estudo tem por objetivo realizar uma metanálise comparando o resultado de variáveis indicadores de relações interpessoais (**HVI**, Índice de Hipervigilância, **CDI**, Índice de Déficit Relacional, **SumT**, Soma das respostas de Textura, **COP**, Movimento Cooperativo, **AG**, Movimento Agressivo, **p**, Movimento Ativo e **a**, Movimento Passivo) em 14 países ocidentais (Itália, Argentina, Grécia, Finlândia, Dinamarca, Bélgica, Austrália, Estados Unidos, Espanha, Romênia, Portugal, Peru, Holanda e Brasil). Para isso, foram analisados 16 artigos de normatização do Sistema Compreensivo de Rorschach, comparando onze medidas diferentes entre os 14 países (HVI positivo, CDI=5, CDI=4, CDI positivo, SumT=0, SumT>1, COP=0, COP>2, AG=0, AG>2 e p>a+1). Os resultados apontam que a amostra brasileira está acima de 01 Desvio Padrão para as seguintes medidas: CDI=5, CDI=4, CDI positivo, AG=0 e p>a+1. Além disso, apresenta a maior medida para CDI=5, CDI=4, CDI positivo e AG=0 dentre todos os artigos analisados. Os dados indicam que os participantes da amostra brasileira apresentariam mais dificuldade para enfrentamento de problemas na demandas social do que os participantes das amostras dos outros países.

Palavras-chave: metanálise; relações interpessoais; Teste de Rorschach.

### 1. Introdução

O Método de Rorschach é uma das formas de avaliação psicológica mais utilizada mundialmente, e sem dúvida é instrumento de destaque para os profissionais de diversas áreas da psicologia (Pasian, 2002).

Hermann Rorschach, psiquiatra suíço, em 1921 publicou o “Psicodiagnóstico” (Rorschach, 1967), livro que trata do desenvolvimento de uma prova de interpretação de

formas fortuitas – figuras pouco estruturadas. Rorschach (1967) sugere que pacientes de hospitais psiquiátricos apresentavam padrões de respostas semelhantes entre si, conforme o transtorno do qual padeciam e que, por outro lado, se diferenciavam de grupos de pessoas não pacientes<sup>2</sup>. Essa prova é denominada, atualmente, Método das Manchas de Tinta de Rorschach ou, apenas, Método de Rorschach. O termo *método* foi adotado, pois o instrumento “permite que seus dados sejam interpretados de acordo com o referencial teórico que se preferir” (Weiner, 2000, p.32).

Ao longo dos anos, várias investigações foram desenvolvidas por diversos pesquisadores no mundo, criando sistemas de classificação e interpretação diferentes do Método de Rorschach, mas todos a partir do Psicodiagnóstico de Rorschach (1967). Neste estudo, foram analisados trabalhos sobre o Método de Rorschach segundo orientações do Sistema Compreensivo (Exner, 1999), consistindo em conjunto de técnicas específicas (aplicação, correção, interpretação dos resultados) baseadas no Método de Rorschach para avaliação de uma pessoa. Este instrumento, apesar de classificado como teste do tipo “Projetivo” ou de avaliação indireta (Anastasi & Urbina, 2000, Anzieu, 1986), também apresenta algumas das propriedades de teste psicométrico, conforme propõe Weiner (2000), atendendo, com isso, as exigências da APA (American Psychological Association).

O Método de Rorschach segundo o Sistema Compreensivo consiste na apresentação de 10 pranchas contendo borrões de tinta indefinidos ou pouco estruturados (Weiner, 2000), sendo a primeira preta, a segunda e a terceira preta e vermelha. Da quarta à sétima, novamente preto e as três últimas coloridas. Após a apresentação de cada prancha o participante é questionado sobre o que as manchas poderiam ser, conforme pergunta padronizada no manual de referência (Exner, 1999).

---

<sup>2</sup> Entende-se aqui como “população não paciente”: pessoas sem histórico de desajuste psicológico ou transtorno psiquiátrico, em atividade laboral e/ou estudantil, incluindo atividades domésticas.

Cada uma das respostas emitidas pelo avaliado é classificada segundo: a prancha em que foi percebida, a localização dentro da prancha, a Qualidade Evolutiva (Exner, 1999) da percepção, o fator que as determinou (Determinante - Exner, 1999), a Qualidade Formal (Exner, 1999) de percepção da mancha, o conteúdo da resposta, a Atividade Organizativa (Exner, 1999) da resposta, a popularidade da resposta (Respostas Populares - Exner, 1999), e, as características incomuns na resposta (Códigos Especiais - Exner, 1999), quando ocorrem.

Todas essas informações são registradas em protocolo (Sequência dos Códigos, Exner, 1999) e contabilizadas no Sumário Estrutural (Exner, 1999). No Sumário Estrutural, são calculados diversos índices, proporções, médias, razões e porcentagens, divididos em oito agrupamentos de variáveis: 1) Processamento da Informação; 2) Mediação Cognitiva; 3) Ideação; 4) Traços Afetivos; 5) Autopercepção; 6) Relações Interpessoais; 7) Controle e Tolerância ao Estresse; e 8) Estresse Situacional.

Os três primeiros agrupamentos são denominados por Exner & Sendín (1999) como Tríade Cognitiva, o primeiro deles (Processamento da Informação) indica “*como o indivíduo incorpora a informação procedente do exterior*” (Exner & Sendín, 1999, p.71, grifo do autor); a Mediação Cognitiva, nos instrui sobre como o avaliado identifica ou traduz a informação para outros códigos; e o último agrupamento informa como novos conceitos são elaborados a partir desta informação. O agrupamento Traços Afetivos apresentam variáveis do Método de Rorschach relativas as informações emocionais de personalidade. O quinto agrupamento (Autopercepção) informa como o avaliado construiu conceitos valorativos sobre si. O sexto agrupamento, Relações Interpessoais, como é de nosso particular interesse, será descrito com mais detalhes ainda nesta introdução. As variáveis do agrupamento sete, Controle e tolerância ao estresse, referem-se às capacidades do avaliado em executar “**suas decisões e atuar de forma eficaz para si mesmo**” (Exner & Sendín, 1999, p.173, grifo do

autor). O último agrupamento informa sobre a existência de “circunstâncias especialmente difíceis ou estressantes que estão ocorrendo no meio ambiente do indivíduo e que o afetam significativamente.” (Exner & Sendín, 1999, p.185).

Apenas para se ter um panorama de como o Método de Rorschach tem sido pesquisado nos últimos anos, podemos citar investigação de: pessoas com problemas de alcoolismo e uso de drogas (Schiltz, 2008), comportamento suicida (Grava, Ceroni, Rucci, Scudellari, 2006), retardo mental (Di Nuovo, Buono, Colucci, Pellicciotta, 2004), Transtorno de Pânico (Villemor-Amaral, Franco, Farah, 2008), insônia (Carvalho et al., 2003), Lúpus Eritematoso Sistêmico (Santoantonio, Yazigi, Sato, 2004), portadores de HIV (Fioroni & Figueiredo, 2003). E, ainda, com motoristas infratores que tiveram suspenso o direito de dirigir (Frasson & Souza, 2002), bem como com estudantes de medicina (Rossetto, Skawinski, Coelho, Rossetto Júnior, Bolla, 2000). Tais trabalhos não possuem relação direta com esta pesquisa, mas ilustram a relevância do instrumento para o psicólogo.

No Brasil, pesquisas recentes envolvendo o Sistema Compreensivo de Exner (1999), com população adulta não paciente (Nascimento, 2002, 2006, 2007), relacionam-se diretamente com esta pesquisa, pois tratam de população adulta de não paciente. Nascimento (2007) estuda população adulta de não pacientes e aponta para a normatização do sistema no Brasil. Todavia, faltam estudos de metanálise transculturais sobre os resultados.

O estudo visa a metanálise comparando os resultados de normatização brasileira para população adulta não paciente<sup>3</sup> em sete variáveis, indicadores de relações interpessoais (**HVI**, Índice de Hipervigilância; **CDI**, Índice de Déficit Relacional; **SumT**, Soma das respostas de Textura; **COP**, Movimento Cooperativo; **AG**, Movimento Agressivo; **a**, Movimento Ativo e **p**, Movimento Passivo), agrupadas em onze medidas diferentes (HVI

---

<sup>3</sup> Segundo Exner (1999) no Método de Rorschach não há diferenças significativas quanto ao sexo ou à faixa etária em adultos.

positivo, CDI=5, CDI=4, CDI positivo, SumT=0, SumT>1, COP=0, COP>2, AG=0, AG>2 e  $p>a+1$ ), com os resultados de trabalhos de normatização do Método de Rorschach no Sistema Compreensivo em outros 13 países ocidentais (Itália, Argentina, Grécia, Finlândia, Dinamarca, Bélgica, Austrália, Estados Unidos, Espanha, Romênia, Portugal, Peru, e Holanda). Ao fim deste Estudo 1, será possível chegar a diferentes problemas de pesquisa com relação à amostra de referência no Brasil, demonstrando assim a relevância dos Estudos 2 e 3, na busca de respostas para algum desses problemas.

### 1.3. Variáveis do grupamento Relações Interpessoais

O grupamento de Relações Interpessoais é composto por 7 variáveis: **CDI**, Índice de Déficit Relacional; **HVI**, Índice de Hipervigilância; **SumT**, Soma das respostas de Textura; **COP**, Movimento Cooperativo; **AG**, Movimento Agressivo; **a**, Movimento Ativo e **p**, Movimento Passivo. Essas variáveis são organizadas em 11 medidas diferentes (CDI=5, CDI=4, CDI positivo, HVI positivo,  $p>a+1$ , SumT=0, SumT>1, COP=0, COP>2, AG=0 e AG>2), cerne da análise das relações interpessoais do avaliado. Neste estudo há uma descrição mais minuciosa do CDI e suas medidas em relação às outras variáveis, já que aquele é objeto de estudo desta pesquisa. Abaixo descreveremos os possíveis padrões de comportamento que caracterizam cada uma das medidas, e, se necessário para compreensão deste estudo, também será descrita a variável.

#### 1.3.1. Índice de Déficit Relacional (CDI)

O Índice de Déficit Relacional (*Coping Deficit Index* - CDI) é medida do Sistema Compreensivo que avalia o Déficit Relacional. Essa medida se relaciona com o manejo da demanda das relações sociais, podendo variar de 0 a 5 (Exner & Sendín, 1999).

Exner desenvolveu esse índice a partir de grupo com diagnóstico de depressão; a princípio ele acreditava que o índice se tratava de segundo índice de depressão. Todavia,

percebeu que alguns, sem diagnóstico, também se apresentavam positivos para o índice. Investigando melhor, Exner verificou que aqueles com diagnóstico de depressão respondiam melhor aos tratamentos focados nos problemas de relacionamento interpessoal e apresentavam menos recaídas em comparação com outros tipos de tratamento.

Ao mesmo tempo, identificou que o grupo de não pacientes, com índice positivo, relatava dificuldades de lidar com as demandas oriundas de relacionamentos interpessoais. Portanto, o índice estudado por Exner não era segundo Índice de Depressão, mas índice de déficit relacional interpessoal, atual CDI (Exner & Sendín, 1999).

Pessoas com CDI igual a quatro ou cinco normalmente apresentam “**problemas para enfrentar com eficiência as demandas comuns de seu meio social**” (Exner & Sendín, 1999, p. 163, grifo do Autor). Possuem “tendência a ter problemas na interação com os que [as] rodeiam; costumam estabelecer relações pessoais mais superficiais e pouco duradouras e podem parecer, frequentemente, mais distantes” (Exner & Sendín, 1999, p. 163). Segundo Nascimento (2010, p.136), CDI igual a quatro ou cinco estaria presente na avaliação de pessoas “com menos habilidades sociais e tendência a apresentar dificuldades em seu relacionamento com o ambiente, especialmente na esfera social”.

Por outro lado, nada podemos afirmar sobre pessoas com o índice menor ou igual a 3, já que o sistema foi dimensionado para identificar baixa quantidade de falsos positivos (Exner & Sendín, 1999).

### 1.3.2. Índice de Hipervigilância (HVI)

Pessoas com HVI positivo apresentam contínuo estado de alerta, que se traduz em atitude negativa e desconfiada em relação ao meio. Tal característica influencia nas relações interpessoais ao marcar um estilo peculiar. Possivelmente sentem-se muito vulneráveis nos contatos próximos e, assim, agem de maneira cautelosa e são reservados em suas relações.



Tais características podem trazer sérias dificuldades na relação do indivíduo com seu meio (Exner & Sendín, 1999).

### 1.3.3. Movimento Ativo (a) e Movimento Passivo (p)

Quando o índice de Movimento Passivo é maior que índice de Movimento Ativo mais um ( $p > a + 1$ ), há uma indicação de que o indivíduo tende a assumir papel mais passivo, não necessariamente submisso, em sua relação com os demais. O indivíduo se esquia das responsabilidades, espera que o outro tome as decisões, se apoia excessivamente em seu meio na espera de orientação e incentivo, e espera que os que o rodeiam tolerem suas necessidades e ajam de acordo com elas (Exner & Sendín, 1999).

### 1.3.4. Soma das respostas de Textura (SumT ou T)

Em relação à textura, se encontrarmos  $SumT = 0$  em pessoa maior de dez anos, sua necessidade de aproximação emocional será menor que o esperado, indicando grande reserva na relação interpessoal. Tende a ser muito precavida ao estabelecer ou manter vínculos estreitos. Pessoas com  $SumT > 1$  apresentam intensa necessidade de proximidade. Buscam constante contato com os demais, são mais vulneráveis à manipulação, especialmente se os demais traços de passividade e dependência são positivos (Exner & Sendín, 1999).

### 1.3.5. Movimento Cooperativo (COP) e Movimento Agressivo (AG)

Movimento Cooperativo aparece em quase todos os protocolos de não pacientes e representa a propensão a estabelecer vínculos positivos. Em pessoas com altas pontuações em COP, predominam sentimentos como a amabilidade e ações de acolhida. Esse índice não deve ser interpretado isoladamente, mas sempre associado ao Movimento Agressivo, que, por sua vez, pode representar tendências do avaliado a atitudes hostis e condutas agressivas. Ou seja, quanto maior o valor de AG, maior a probabilidade de condutas agressivas. Os avaliados apresentam mais frequentemente atitudes negativas em relação ao meio social, também normalmente apresentando-se de modo agressivo (Exner & Sendín, 1999).

## 2. Método

### 2.1. Procedimentos e fonte de dados

Para investigar os artigos que estudam o Método de Rorschach, foi realizada revisão da literatura sobre o uso do mesmo, em novembro de 2010. A recuperação das informações se deu com a utilização do sítio da Biblioteca Virtual em Saúde (<http://www.bireme.br/php/index.php>) na modalidade de pesquisa via Descritores em Ciências da Saúde (<http://www.bireme.br/php/decsws.php>). Nessa busca foram consultadas onze bases de dados, três em Ciências da Saúde em Geral (LILACS, MEDLINE e o SciELO) e oito de Áreas Especializadas (ADOLEC, BBO, BDENF, DESASTRES, HOMEINDEX, LEYES, MEDCARIB, REPIDISCA).

Foram utilizados como descritores os seguintes termos: *Teste de Rorschach*, *Personalidade*, *Psicopatologia*, *Diagnóstico*; os termos foram escolhidos conforme orientações de Fujita (2004) para determinação de palavra-chave de artigos científicos. Ressalte-se que o termo “Método de Rorschach” inexistente entre os Descritores em Ciências da Saúde. Conforme orientações de Sampaio, Rosa e Sabatini (1998), utilizou-se a estratégia de busca complexa descrita adiante:

*"Teste de Rorschach" AND ("Personalidade" OR "Psicopatologia" OR "Diagnóstico")*

O critério de inclusão foi: artigo empírico de periódico indexado publicado em português, espanhol ou inglês de 2005 a 2010. Seriam excluídos dessa busca os artigos de metanálise, os estudos de caso e os artigos teóricos, bem como os artigos publicados em outros idiomas.

## 3. Análise de dados e Resultados

Inicialmente, nessa busca, encontraram-se 72 trabalhos: 27 no LILACS e 45 no MEDLINE. O período da publicação dos trabalhos variava conforme a base de dados: de 1987 a 2010 na base LILACS e 1997 a 2010 na MEDLINE.

Dos 72 artigos citados na busca, 40 (07 na base LILACS e 33 na MEDLINE) foram publicados de 2005 a 2010. Desses, 01 foi publicado em japonês (MEDLINE), e 02 em francês (MEDLINE), 01 artigo de conferência (LILACS), 01 artigo de metanálise (LILACS), 01 artigo teórico (MEDLINE), restando 34 artigos empíricos de periódico indexado publicados em português, espanhol ou inglês (05 na base LILACS e 29 na MEDLINE).

Mais de 80% (28 dos 34 artigos) estão publicados em um mesmo número da revista *Journal of Personality Assessment*, e 26 dos 28 artigos publicados nesse periódico tratam do mesmo tema: dados do Rorschach no Sistema Compreensivo (SC) em amostra de não pacientes, em sua maioria com população adulta.

Desses 26 artigos, 22 são publicações de normas de referência do Sistema Compreensivo em 16 países: Japão (Nakamura, Fuchigami, Tsugawa, 2007), Itália (Lis, Salcuni, Parolin, 2007 e Lis, Parolin, Salcuni, Zennaro, 2007), Israel (Tibon, 2007, Berant E, 2007), Argentina (Lunazzi *et al.*, 2007, Sanz, 2007), Grécia (Daroglou & Viglione, 2007), Finlândia (Mattlar, *et al.*, 2007), Dinamarca (Ivanouw, 2007), Bélgica (Mormont, Thommessen, Kever, 2007), Austrália (Greenway & Milne, 2007), Estados Unidos (Exner, 2007, Pertchik, Shaffer, Erdberg, Margolin, 2007 e Shaffer, Erdberg, Haroian, 2007), Espanha (Campo & Vilar, 2007), Romênia (Dumitrascu, 2007), Portugal (Pires, 2007), Peru (Ráez, 2007), Holanda (Ruiter & Smid, 2007) e Brasil (Nascimento, 2007); um artigo propõe uma normatização internacional do Sistema Compreensivo (Meyer, Erdberg, Shaffer, 2007). Apenas esses 22 trabalhos apresentam normas de referência do Sistema Compreensivo entre os 34 trabalhos empíricos de periódico indexado publicados em português, espanhol ou inglês de 2005 a 2010. Assim, foram utilizados neste estudo 16 trabalhos (dos 22 supracitados), que tratam de amostras de não pacientes adultos em países ocidentais, incluindo o Brasil. Foram excluídos da metanálise deste estudo trabalhos de normatização

com idosos (Pertchik, Shaffer, Erdberg, Margolin, 2007), adolescentes (Lis, Salcuni, Parolin, 2007), realizados em países de cultura oriental (Japão e Israel, 03 artigos) e 01 artigo de normatização internacional do Sistema Compreensivo (Meyer, Erdberg, Shaffer, 2007).

Nascimento (2006 e 2007) publica dois artigos com os mesmos dados de amostras de não pacientes adultos no Brasil. No primeiro artigo analisa as diferenças entre populações de São Paulo capital e interior, segundo os índices das constelações<sup>4</sup> do Sistema Compreensivo (SCZI, índice de esquizofrenia; DEPI, índice de depressão; CDI, índice de déficit relacional; HVI, índice de hipervigilância; S-COM, constelação de suicídio; OBS, índice de estilo obsessivo; e PTI, perceptual-thinking index - índice de transtornos de percepção e pensamento, decorrente de revisão do SCZI). No segundo artigo apresenta dados normativos para a população brasileira, assim como outros trabalhos publicados no mesmo número e volume da revista. Estes dados normativos são publicados no Brasil na forma de livro apenas em 2010 (Nascimento, 2010).

Conforme dito antes, foram analisados os dados de 16 artigos de 14 países ocidentais: Itália (Lis, Parolin, Salcuni, Zennaro, 2007), Argentina (Lunazzi *et al.*, 2007, Sanz, 2007), Grécia (Daroglou & Viglione, 2007), Finlândia (Mattlar *et al.*, 2007), Dinamarca (Ivanouw, 2007), Bélgica (Mormont, Thommessen, Kever, 2007), Austrália (Greenway & Milne, 2007), Estados Unidos (Exner, 2007, Shaffer, Erdberg, Haroian, 2007), Espanha (Campo & Vilar, 2007), Romênia (Dumitrascu, 2007), Portugal (Pires, 2007), Peru (Ráez, 2007), Holanda (Ruitter & Smid, 2007) e Brasil (Nascimento, 2007). A partir dos dados desses artigos recuperados neste estudo de metanálise, podemos analisar dados com as onze variáveis objeto deste estudo: HVI positivo, CDI=5, CDI=4, CDI positivo, SumT=0, SumT>1, COP=0, COP>2, AG=0, AG>2 e p>a+1. Essas foram descritas nos artigos

---

<sup>4</sup> As constelações são agrupamentos de variáveis que indicam possível desajuste psicológico ou sintomas de psicopatologias. Esses grupamentos também clarificam estruturas, traços, estilos e dinâmicas da personalidade, afora outras características pessoais dominantes (Exner, 1999, Exner & Sendín, 1999).

originais como “porcentagem da amostra” que apresentava tal medida. Com isso, serão expressas abaixo também em porcentagem. Como o objetivo deste estudo é comparar os resultados brasileiros com os de outros países, a amostra de referências aqui será a brasileira.

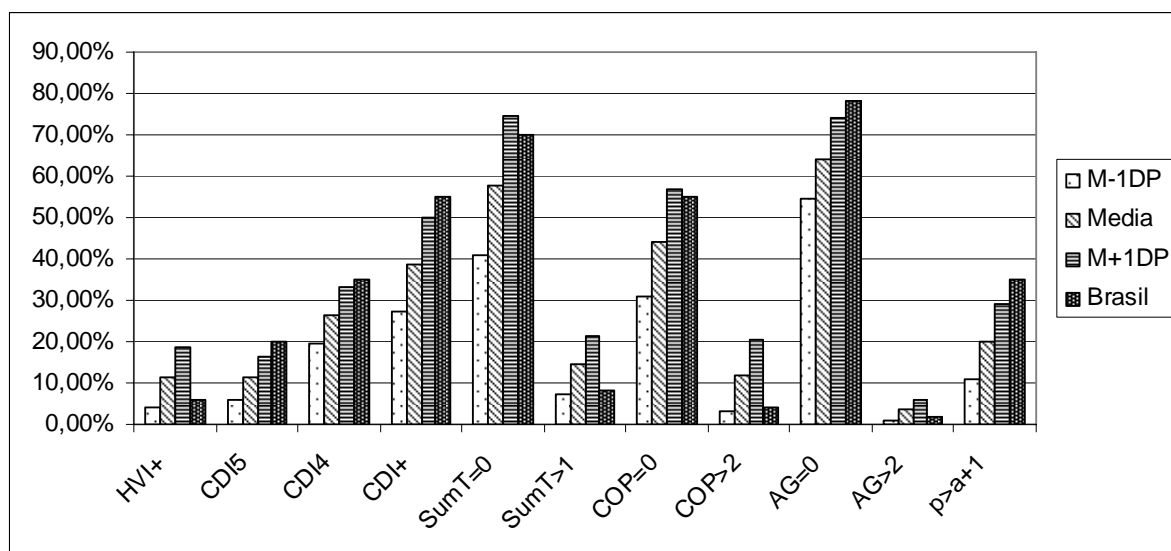
Tabela 1

Média (M) e Desvio Padrão das 11 variáveis nos 16 artigos internacionais analisados

e valores das variáveis no Brasil

Variáveis	M	DP	Brasil
HVI+	11,31%	7,26%	6,00%
CDI=5	11,19%	5,39%	20,00%
CDI=4	26,25%	6,77%	35,00%
CDI+	38,71%	11,30%	55,00%
SumT=0	57,81%	16,84%	70,00%
SumT>1	14,38%	6,88%	8,00%
COP=0	43,94%	12,93%	55,00%
COP>2	11,94%	8,56%	4,00%
AG=0	64,25%	9,70%	78,00%
AG>2	3,56%	2,45%	2,00%
p>a+1	20,00%	9,03%	35,00%

Os dados da Tabela 1 colocam o Brasil acima da média internacional em 07 das 11 medidas: CDI=5, CDI=4, CDI positivo, SumT=0, COP=0, AG=0, e p>a+1



**Figura 1.** Apresenta as medidas dos 16 artigos analisados (Média menos 1 Desvio Padrão – M-1DP –, a Média, a Média mais 1 Desvio Padrão – M+1DP) e do Brasil.

Os resultados situam a amostra brasileira acima de 1 Desvio Padrão, nos artigos analisados, para as seguintes medidas: CDI=5 (20,00%), CDI=4 (35,00%), CDI positivo (55,00%), AG=0 (78,00%) e  $p>a+1$  (35,00%).

Tabela 2

Relação de países (números de participantes entre parênteses) com o maior valor em cada variável, e seus respectivos valores em porcentagem.

Variáveis	Países	Porcentagem
HVI+	Bélgica (100), Argentina (90), Austrália (128)	22,0%
CDI=5	Brasil (409)	20,0%
CDI=4	Brasil (409), Grécia (98)	35,0%
CDI+	Brasil (409)	55,0%
SumT=0	Grécia (98)	86,0%
SumT>1	Finlândia (343)	29,0%
COP=0	Grécia (98)	66,0%
COP>2	Estados Unidos (450)	36,0%
AG=0	Brasil (409)	78,0%
AG>2	Romênia (111)	10,0%
$p>a+1$	Argentina (90)	41,0%

Dentre as publicações dos 14 países ocidentais, o Brasil apresenta a maior porcentagem de CDI positivo (55,0%), CDI=5 (20,0%) e AG=0 (78,0%). Ademais, o Brasil apresenta, juntamente com a Grécia, a maior porcentagem de CDI=4 (35,0%).

#### 4. Discussão e conclusão

Dentre as variáveis analisadas, na comparação dos resultados brasileiros com os de outros países, o CDI e o AG se destacam, com as maiores porcentagens nos trabalhos analisados. Portanto, podemos dizer que os participantes da amostra brasileira, estudada por Nascimento (2007), apresentariam mais dificuldade para enfrentamento de problemas nas demandas sociais do que os participantes das amostras dos outros países, assim como maior tendência a pouco contato social e a terem problemas nas interações pessoais. Lembremos que Nascimento (2007) não discute tal resultado com relação a outros trabalhos de

normatização publicados no exterior. Em verdade, generaliza esse resultado como normatização para o Brasil, sem contextualizá-lo, contudo, como resultado em relação ao estado de São Paulo, onde foi feita a coleta de todos os participantes.

Com isso, os resultados também requerem estudos mais aprofundados sobre o CDI e o AG na população brasileira. A partir dos resultados dessa metanálise podemos apontar algumas perguntas relevantes, principalmente sobre o CDI: 1) o Índice de Déficit Relacional está medindo o que se propõe a medir, no Brasil? 2) Caso o Índice de Déficit Relacional esteja válido no Brasil, como são descritas (e se descrevem) as pessoas com Índice de Déficit Relacional positivo? 3) Como elas descrevem seus relacionamentos? 4) Como descrevem as dificuldades nos relacionamentos? 5) Caso o Índice de Déficit Relacional não indique corretamente Déficit Relacional no Brasil, como seria possível identificar pessoas com dificuldades para lidar com a demanda relacional com o uso do Método de Rorschach? 6) O Movimento Agressivo igual a zero é bom indicador para pessoas com baixa hostilidade e poucos comportamentos agressivos no Brasil? 7) Outras variáveis no Método de Rorschach poderiam indicar hostilidade e comportamentos agressivos no Brasil? Assim, os estudos subsequentes estão orientados a propor investigações em torno do Índice de Déficit Relacional.

## 5. Referências

Abaixo estão listadas todas as referências utilizadas ao longo do Estudo 1.

Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Anzieu, D. (1986). *Os Métodos Projetivos*. 5ª ed, São Paulo: Campus.

Campo, V. & Vilar, N. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 517 adults from Spain (Barcelona). *Journal of personality assessment*, 89 (1), S149-S153.

Carvalho, L. B. C., Lopes, E. A., Silva, L., Almeida, M. M., Silva, T. A., Neves, A. C., et al. (2003). Personality features in a sample of psychophysiological insomnia patients. *Arquivos de neuro-psiquiatria*, 61 (3A), 588-590.

- Daroglou, S. & Viglione, D.J. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 98 adult nonpatients from Greece. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S61-S66.
- Di Nuovo, S.F., Buono, S., Colucci, G., Pellicciotta, A. (2004). Psychopathology and mental retardation: a study using the Rorschach Inkblot Test. *Psychological reports*, 94 (3 Pt 2), 1313-21.
- Dumitrascu, N. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 111 adult nonpatients from Romania. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S142-S148.
- Exner, J. E. (1999). *Manual de classificação do Rorschach para o sistema compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Exner, J. E. & Sendín, C. (1999). *Manual de interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Exner, J. E. (2007). A new U.S. adult nonpatient sample. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S154-S158.
- Fioroni, L. N. & Figueiredo, M. A. de C. (2003). Avaliação da técnica projetiva de Rorschach em portadores do HIV. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 13 (26), 197-207.
- Fujita, M. S. L. (2004). A representação documentária de artigos científicos em educação especial: orientação aos autores para determinação de palavras chave. *Revista brasileira de educação especial* 10 (3), 257-272.
- Frasson, L. M. M. & Souza, M. A. (2002). Estudo qualitativo da personalidade do motorista infrator através do Rorschach e EDAO. *Boletim de psicologia*, 52 (117), 141-157.
- Grava, G., Ceroni, G. B., Rucci, P., Scudellari P. (2006). Suicidal behaviors and personality structure. *Suicide Life Threat Behav*, 36 (5), 569-577.
- Greenway, P., Milne, L. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 128 adult nonpatients from Australia. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S20-5.
- Ivanouw, J. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 141 adult nonpatients from Denmark. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S42-51.
- Lis, A., Parolin, L., Salcuni, S., Zennaro, A. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 249 adult nonpatients from Italy. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S80-84.
- Lis, A., Salcuni, S., Parolin, L. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 116 preadolescent and 117 adolescent nonpatients from Italy. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S91-96.
- Lunazzi, H. A., Urrutia, M. I., de la Fuente, M. G., Elias, D., Fernandez, F., de la Fuente, S. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 506 adult nonpatients from Argentina. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S7-S12.
- Mattlar, C. E., Forsander, C., Carlsson, A., Norrlund, L., Vesala, P., Leppanen, T., Oist, A.S., Maki, J., Alanen, E. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 343 adults from Finland. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S57-60.



- Meyer, G. J., Erdberg, P., Shaffer, T.W. (2007). Toward international normative reference data for the comprehensive system. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S201-S216.
- Mormont, C., Thommessen, M., Kever, C. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 100 adult nonpatients from the Belgian French-speaking community. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S26-34.
- Nakamura, N., Fuchigami, Y., Tsugawa, R. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 240 adult nonpatients from Japan. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S97-102.
- Nascimento, R.S.G.F. do (2002). Resultados de Estudo Normativo para o Sistema Compreensivo do Rorschach: um estudo para a cidade de São Paulo. *Psico-USF*, 7(2), 121-135.
- Nascimento, R.S.G.F. do (2006). Estudo normativo do Sistema Compreensivo do Rorschach para São Paulo: resultados dos índices PTI, SCZI, DEPI, CDI, HVI, OBS e S-CON. *Avaliação psicológica*. 5 (1), 87-97.
- Nascimento, R.S.G.F. do (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a sample of 409 Adult Nonpatients from Brazil. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S35-41.
- Nascimento, R.S.G.F. do (2010). *Sistema Compreensivo do Rorschach: Teoria, pesquisa e normas para a população brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pasian, S. R. (2002). Atualizações sobre o psicodiagnóstico de Rorschach no Brasil: breve panorama histórico. *Psico USF*, 7(1), 43-52.
- Pertchik, K., Shaffer, T.W., Erdberg, P., Margolin, D. I. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 52 older adult nonpatients from the United States. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S166-73.
- Pires, A. A. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 309 adult nonpatients from Portugal. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S124-30.
- Ráez, M. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 233 adult nonpatients from Peru. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S119-23.
- Rorschach, H. (1967). *Psicodiagnóstico*. (M. S. V. Amaral, trad.). São Paulo: Mestre Jou.
- Rossetto, M. A. C., Skawinski, L. S. R., Coelho, A. C. P., Rossetto Júnior, J. A., Bolla, K. (2000). Avaliação das características psicológicas dos estudantes de medicina por meio do método de Rorschach. *Psikhe*, 5 (2), 41-51.
- Ruiter, C. & Smid, W. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 108 normative subjects from The Netherlands. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S113-8.
- Sampaio, I. M., Rosa, C. R., Sabatini, A. A. Z. P. (1998). Instrução dirigida para execução de busca de dados psycLIT. *Cadernos de Psicologia*, 4(1), 163-168.
- Santoantonio, J., Yazigi, L., Sato, E. (2004). Adolescentes com Lúpus Eritematoso Sistêmico: um estudo por meio do método de rorschach. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 20(2), 145-151.
- Sanz, I. A. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 90 adult nonpatients from Argentina. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S13-9.

- Shaffer, T.W., Erdberg, P., Haroian, J. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 283 adult nonpatients from the United States. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S159-65.
- Schiltz, L. (2008) Dégagement de profils spécifiques dans deux sous-groupes de personnes dépendantes. *Bull Soc Sci Med Grand Duche Luxemb, Spec No 1*, 75-90.
- Tibon, S. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 41 adult nonpatients from Israel. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S74-9.
- Villemor-Amaral, A. E. de, Franco, R. R. C., Farah, F. H. Z. (2008). A psicopatologia fenômeno-estrutural e o Rorschach no transtorno de pânico. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 25 (1),141-150.
- Villemor-Amaral, A. E. de & Pasqualini-Casado, L. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *Psico-USF*, 11 (2), 185-193.
- Weiner, I. B. (2000). *Princípios da interpretação do Rorschach*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

### **III. ESTUDO 2 - Investigação sobre associações entre Índice de Déficit Relacional e Inventário de Habilidades Sociais**

#### Resumo

As pesquisas com o Método de Rorschach no Sistema Compreensivo, estudando população adulta de não pacientes, no Brasil, caminham para normatização. Estudos de metanálise transculturais sobre esses resultados apontam que a amostra brasileira apresenta os maiores valores para o Índice de Déficit Relacional (CDI) dentre 14 países. O CDI se relaciona com o manejo da demanda das relações sociais, podendo variar de 0 a 5, sendo que pessoas avaliadas como CDI=4 ou 5, consideradas positivas para o CDI (CDI+), normalmente apresentam problemas no enfrentamento das demandas comuns do meio social. A descrição de Habilidades Sociais (HS) assemelha-se à do CDI, servindo assim para investigar o CDI. Este estudo tem por objetivo verificar a existência de correlações estatísticas entre as medidas do Índice de Déficit Relacional e do Inventário de Habilidades Sociais, assim como apresentar dados descritivos da amostra. Para isso, participaram da pesquisa 27 universitários previamente avaliados pelo Inventário de Habilidades Sociais (IHS) como altas habilidades sociais (AHS; IHS>75%) ou baixas habilidades sociais (BHS; IHS<25%), sendo 12 BHS e 15 AHS, 14 do sexo masculino (9 BHS e 5 AHS) e 13 do sexo feminino (5 BHS e 7 AHS). Os participantes foram avaliados pelo Método de Rorschach para obtenção dos valores do CDI. Os resultados apontam que dos 27 avaliados, 8 (29,6%) apresentaram CDI+, valor abaixo da amostra brasileira, que é de 55%. A amostra é pequena, não permitindo refutar possíveis associações significativas entre as medidas do CDI e do IHS. Todavia, das 15 BHS, 06 (40%) foram avaliadas CDI+; por outro lado, das 12 AHS, apenas 02 (16,7%) foram avaliadas CDI+. Portanto, há indicação de que pessoas avaliadas como BHS tendem mais a CDI positivo do que AHS.

#### 1. Introdução

Diante da metanálise feita no Estudo 1 desta pesquisa, serão propostos daqui em diante dois estudos (Estudos 2 e 3) que investigaram o CDI na possibilidade de responder algumas das questões propostas no Estudo 1.

## 1.1. Habilidades Sociais como possibilidade de investigação do CDI

As habilidades sociais (HS) podem ser definidas como conjunto de maneiras (capacidade) com que as pessoas se relacionam em “contexto interpessoal que expressa sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos [do] indivíduo de modo adequado à situação, respeitando [...]” (Cabalo, 2003, p.6) os direitos alheios, normalmente, solucionando problemas imediatos, ao mesmo tempo em que minimiza a possibilidade de problemas futuros.

No Brasil Del Prette & Del Prette (2001b), alinham-se à visão de Cabalo ao definir habilidades sociais como “diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar de maneira adequada com as demandas das situações interpessoais” (Del Prette & Del Prette, 2001b, p. 31).

Definem-se, ainda, competência social e desempenho social competente como “a capacidade do indivíduo de organizar pensamentos, sentimentos e ações em função de seus objetivos e valores articulando-os às demandas imediatas e mediatas do ambiente” social (Del Prette & Del Prette, 2001b, p. 31). Vale também diferenciar competência social de desempenho social. O primeiro se trata de desempenho social competente; o segundo designa as formas com que as pessoas se relacionam, podendo ser competente ou não (Del Prette & Del Prette, 2001b).

Vale lembrar que, dentro dessa visão, capacidade e habilidade são semelhantes, ou seja, uma pessoa socialmente capaz é possuidora de habilidades sociais suficientes para lidar com as demandas do meio social. E da mesma forma o inverso, pessoas não competentes socialmente não possuem habilidades suficientes para lidar com as demandas sociais. Assim, podemos lançar a hipótese de que pessoas socialmente não habilidosas (deficientes em Habilidades Sociais) provavelmente seriam avaliadas pelo Método de Rorschach no Sistema

Compreensivo com o CDI entre 4 e 5, já que possuem menos habilidades sociais (Nascimento, 2010), e também não apresentam capacidade suficiente para lidar com eficiência com os problemas oriundos da demanda social (Exner & Sendín, 1999).

A sugestão, até aqui apresentada, de que há uma associação entre Déficit Relacional e déficit de Habilidades Sociais baseia-se puramente no campo semântico da definição de cada um dos constructos teóricos. Todavia, uma revisão desenvolvida por Del Prette & Del Prette (2001a) apresenta diversas pesquisas apontando que os “déficits e comprometimentos de habilidades sociais estão associados a dificuldades e conflitos nas relações interpessoais [...]” (p. 11) assim como a desajustamentos psicológicos e transtornos psiquiátricos “como a timidez, o isolamento social, o desajustamento escolar, [tendência a] o suicídio, os problemas conjugais, [...] a depressão, o pânico social e a esquizofrenia [...]” (p.11). Essa revisão reforça a ideia de associação entre CDI e déficit de HS, já que identificam pessoas com problemas muito semelhantes.

## 1.2. Estudos de correlação entre testes projetivos e psicométricos.

Encontrar associações entre instrumentos psicológicos de medidas objetivas e de medidas projetivas ainda são um grande desafio em psicologia. Segundo Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado (2006), os instrumentos psicométricos e projetivos obtêm dados sobre o avaliado em níveis distintos. Um Instrumento de medida objetiva, como o Inventário de Habilidades Sociais, pode apresentar resultados diferentes dos acessados pelo Método de Rorschach, já que há possibilidade de os instrumentos apreenderem aspectos diferentes acerca do mesmo constructo. Isso ocorre, pois:

[...] escores de medidas auto-atribuídas devem predizer respostas mais intencionais, dadas quase exclusivamente em circunstâncias nas quais as implicações de um motivo ou necessidade especial são claras para quem as relata. Em contraste, espera-se que os escores de medidas projetivas prognostiquem comportamento de tendências espontâneas, subjetivas, motivadas por necessidades

implícitas e mais passíveis de tornarem-se manifestas em certos contextos. (Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006, p. 186)

Portanto, entendemos que pesquisas sobre as correlações de constructos devem também utilizar métodos diferentes para investigar suas associações, obtendo assim informações sobre o avaliado de modos diferentes.

### 1.3. Objetivo do estudo

Descrever as medidas do Índice de Déficit Relacional e do Inventário de Habilidades Sociais, assim como verificar a existência de correlações estatísticas entre essas medidas.

Este estudo tem por objetivos específicos:

1. Apresentar dados sociodemográficos para caracterização da amostra conforme publicações na área do Sistema Compreensivo do Método de Rorschach.
2. Descrever, por meio de estatística descritiva, o perfil da amostra quanto aos dados obtidos nas medidas de Índice de Déficit Relacional.
3. Descrever, por meio de estatística descritiva, o perfil da amostra quanto aos dados obtidos nas medidas do Inventário de Habilidades Sociais.
4. Verificar se existem correlações estatísticas entre as medidas do Índice de Déficit Relacional e as medidas do Inventário de Habilidades Sociais.

## 2. Método

### 2.1. Participantes

Neste estudo, os participantes foram universitários(as), residentes na Grande Vitória, apresentando, segundo instrumento psicológico padronizado (IHS), significantes pontuações em altas habilidades sociais (AHS) ou baixas habilidades sociais (BHS). Esses estudantes constavam em banco de dados de 129 participantes avaliados anteriormente em Habilidades

Sociais por meio do Inventário de Habilidades Sociais (IHS), em pesquisa realizada por Balbi Neto, Rafalski, Vieira & Garcia (2009).

Participaram da pesquisa 27 universitários avaliados, até 6 meses antes, com altas habilidades sociais (mais de 75 na posição em percentis do IHS) ou baixas habilidades sociais (menos de 25 na posição em percentis do IHS), sendo 12 BHS e 15 AHS, 14 do sexo masculino (sendo 9 BHS e 5 AHS) e 13 do sexo feminino (5 BHS e 7 AHS).

Os participantes tinham entre 18 e 44 anos (Média = 21,96 e Desvio Padrão = 7,14). Apenas 3 eram casados, e o restante (24) solteiro. Cinco dos participantes estudavam em instituição particular e o restante (22) em instituição pública. Distribuição dos participantes segundo os cursos de graduação: Psicologia = 18 (66,7%), Administração = 2 (7,4%), Contabilidade = 2 (7,4%), Economia = 2 (7,4%) e Serviço Social = 3 (11,1%). Inicialmente, selecionaram-se universitários de diferentes cursos com até 25 anos de idade. Todavia, devido à dificuldade de encontrar participantes femininos com baixos escores em HS, foram convidadas 3 pessoas com idade acima de 25 anos (entre 26 e 35) para participar da pesquisa (P14, P15 e P27). Da mesma forma, foi difícil a participação de universitários de outros cursos, gerando um aumento de participantes que cursam psicologia. Todavia este predomínio de estudantes de psicologia não é estatisticamente significativo para as medidas do CDI, nem para as do IHS.

Escolheu-se trabalhar especificamente com esse perfil de participantes (universitários de diferentes cursos, com idade média de aproximadamente 21 anos), pois é o mesmo utilizado na validação e normatização do Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001a) utilizado nesta pesquisa. Ademais, optou-se por amostra pequena (inferior a 30) devido ao tempo requerido pelo Método de Rorschach, o que encarece sua utilização e reduz sua produtividade, inviabilizando pesquisas correlacionais de método misto em

amostra ampla da população. Mesmo se tratando de amostra pequena, os dados podem ser analisados por testes estatísticos inferenciais.

## 2.2. Instrumentos

### 2.2.1. Inventário de Habilidades Sociais (IHS)

Esse instrumento de autorrelato, elaborado por Del Prette & Del Prette (2001a), visa avaliar o repertório de habilidades sociais cotidianas. O IHS apresenta situações de ordem social com distintos tipos de interlocutores em vários contextos, com questões pautadas em uma diversidade de habilidades, como falar em público e expressar sentimentos, por exemplo. Seus resultados permitem constatar recursos ou déficits em habilidades sociais, normalmente associadas à presença ou ausência de conflitos nas relações interpessoais (Del Prette & Del Prette, 2001a).

O instrumento envolve 38 itens, cada um correspondendo à descrição de uma situação. O participante atribui pontuação entre A (valor 0) a E (valor 4), conforme considere as situações descritas. Essas apresentam frequência de ocorrência entre “nunca ou raramente” (Pontuação A), até “sempre ou quase sempre” (pontuação E). Assim, a pontuação do inventário varia de 0 a 152 pontos.

Este instrumento possui cinco subescalas ou subinventários, denominados Fatores, assim elencados: Fator 1 – enfrentamento com risco; Fator 2 – autoafirmação na expressão de afeto positivo; Fator 3 – conversação e desenvoltura social; Fator 4 – autoexposição a desconhecidos ou a situações novas; Fator 5 – autocontrole da agressividade a situações aversivas.

As pesquisas sobre gênero em habilidades sociais indicam distinções significativas entre homens e mulheres, porém, sem diferenças significativas, considerando a idade dos avaliados. Assim, a interpretação do escore total (escore total do IHS, ou IHS Total) e dos



parciais (escores dos fatores: F1, F2, F3, F4 e F5) é baseada na posição do participante em relação à amostra por gênero (Del Prette & Del Prette, 2001a).

Os escores fatoriais devem ser analisados considerando demandas distintas devidas aos diferentes contextos sociais. O escore fatorial F1 associa-se ao enfrentamento com risco, ou seja, é referência de assertividade e controle da ansiedade diante das situações ameaçadoras ao(s) seu(s) direito(s). Relaciona-se com a capacidade do indivíduo de afirmação e a defesa de seus direitos e autoestima (Del Prette & Del Prette, 2001a).

O escore fatorial F2 associa-se à autoafirmação na expressão de afeto positivo. Analisa de que modo o indivíduo lida com a expressão do afeto positivo e com a afirmação da autoestima. Refere-se a situações como elogiar pessoas, expressar sentimentos positivos, agradecer elogios, defender alguém e participar de diálogo comum (Del Prette & Del Prette, 2001a).

O escore fatorial F3 identifica o repertório em habilidades de conversação e desenvoltura social, identificando o quanto o indivíduo é capaz de lidar com contextos neutros de aproximação. Alto escore significa que o sujeito reconhece normas do relacionamento diário, como sustentar e concluir uma conversação, tanto por telefone quanto ao vivo, atingir indivíduos que ocupam posição de autoridade, pedir favores, rejeitar pedidos incoerentes e reagir a elogios (Del Prette & Del Prette, 2001a).

O escore fatorial F4 indica habilidades relacionadas à autoexposição a desconhecidos ou a situações novas, revelando de que modo alguém se comporta diante de desconhecidos. As situações podem ser exemplificadas quando alguém defronta público desconhecido para apresentar trabalho ou pedir informações a desconhecidos (Del Prette & Del Prette, 2001a).

O escore fatorial F5 relaciona-se ao autocontrole da agressividade em situações aversivas. Permite avaliar se o indivíduo possui habilidades para controlar sua raiva e

agressividade em situações aversivas, para se comportar de modo socialmente competente. Esse item inclui habilidades para lidar com críticas do interlocutor, por exemplo (Del Prette & Del Prette, 2001a).

A apuração dos resultados baseia-se na soma os itens de cada fator (F1, F2, F3, F4 e F5) e no fator geral (ou escore total, ou IHS Total). O escore obtido gera posição em percentis que pode variar de 1% a 100%. Neste estudo, as medidas escalares do IHS (IHS Total, F1, F2, F3, F4 e F5) foram analisadas em formato de percentil.

Pessoas com pontuações entre 1% e 25% estão em faixa em que há indicação para treinamento de habilidades sociais (entendendo-se que esse déficit é fonte de problema). Nesse caso, essas pessoas têm baixo ou deficiente repertório de comportamentos socialmente habilidosos, podendo gerar problemas. Essas pessoas foram classificadas neste trabalho como Baixo para repertório de HS (BHS), ou baixo escore em HS. Já as pessoas com pontuações acima de 25% e abaixo de 50% possuem bom repertório de HS, mas abaixo da média e foram classificadas neste trabalho como Médio Baixo para repertório de HS.

Por outro lado, pessoas acima de 50% mas abaixo de 75% são consideradas acima da média, e também com bom repertório. Foram classificadas neste trabalho como Médio Alto para repertório de HS. Já pessoas com mais de 75% apresentam repertório bastante elaborado de HS, podendo ser classificadas como Alto para repertório de HS (AHS), ou alto escore em HS. Portanto, cada medida escalar do IHS (IHS Total, F1, F2, F3, F4 e F5) pode ser classificada em faixas, gerando variáveis ordinais (IHS Faixa, F1 Faixa, F2 Faixa, F3 Faixa, F4 Faixa e F5 Faixa, respectivamente).

### 2.2.2. Método de Rorschach (MR)

O Método de Rorschach no Sistema Compreensivo foi descrito no Estudo 1 e será aqui um dos instrumentos utilizados, já que o Índice de Déficit Relacional é objeto de pesquisa deste estudo.

O Método de Rorschach foi aplicado pelo autor desta pesquisa, sob supervisão do orientador da mesma. Durante a aplicação havia um auxiliar de pesquisa, estudante de graduação em psicologia, treinado no Sistema Compreensivo. A devolução dos resultados foi realizada pelo autor deste projeto e ocorreu conforme a solicitação dos participantes.

A classificação de todas as respostas foi realizada por dois classificadores<sup>5</sup>, sendo um o aplicador, e também autor deste projeto, e o outro um auxiliar de pesquisa que presenciou a aplicação do teste, já que assistir à aplicação do instrumento facilita a anotação e a classificação das respostas. Ambos anotaram e classificaram as repostas, independentemente. A análise da concordância da classificação das respostas seguiu o seguinte procedimento:

- Concordância entre os dois classificadores - item de codificação aceito.
- Discordância entre os dois classificadores - o item será analisado por um terceiro classificador, igualmente especializado no sistema compreensivo, que decidirá entre as duas posições diferentes.

Vale aqui lembrar as dificuldades na utilização do Método de Rorschach. Para Anzieu (1986), dentre essas, a mais importante para esta pesquisa é o tempo de aplicação e correção do instrumento. A duração das aplicações do MR totalizou nesta pesquisa 34 horas e 30 minutos, média de 1h20m por aplicação. Ademais, há o tempo de classificação das respostas e a produção do Sumário Estrutural. O tempo médio para classificação de cada resposta dos avaliados foi de 3 minutos. Foram corrigidas 806 respostas, ultrapassando 2418

---

<sup>5</sup> Termo cunhado pelo autor para designar pessoa treinada no Sistema Compreensivo, bem como na classificação de respostas dadas pelos avaliados no Método de Rorschach.

minutos (ou 40h20m) na classificação das respostas. A produção do Sumário Estrutural apoiou-se no programa computacional Excel<sup>®</sup>, versão 2003, especialmente programado pelo Autor. As respostas eram digitadas e conferidas, requerendo em média 3 minutos para cada resposta, afora cerca de 2418 minutos (ou 40h20m) gastos na digitação e conferência dos dados. Lembrar que não foi incluído aqui o tempo gasto na programação do *software*, na pesquisa para classificação de algumas respostas mais difíceis e na conferência entre as classificações pelos juízes. Portanto, neste estudo gastou-se, com cada participante, apenas no MR, em torno de 5 horas.

O tempo requerido por um MR encarece sua utilização e torna a produtividade baixa, inviabilizando levantamentos estatísticos em amostra ampla da população. Com o tempo e os recursos disponíveis, foi possível a investigação de 27 participantes.

### 2.3. Análise de dados

Os dados foram digitados e analisados com ajuda de programa computacional SPSS<sup>®</sup> (Statistical Package for the Social Sciences, versão 15). Pela estatística descritiva analisaram-se as frequências em porcentagem das variáveis ordinais ou nominais, além do mínimo, máximo, média e desvio-padrão das variáveis escalares. Verificaram-se as correlações entre as variáveis estudadas, principalmente entre as escalares e ordinais, conforme os objetivos deste estudo. Para analisar a associação entre as variáveis ordinais, foi utilizado o cálculo, a análise e a interpretação dos coeficientes V de Cramer e qui-quadrado. Por se tratar de amostra pequena (inferior a 30), optou-se pelo uso do Teste Exato de Fischer. E, para analisar a associação entre as variáveis escalares, foi utilizado o cálculo, análise e interpretação do coeficiente de correlação Pearson (Dancey & Reidy, 2006, Pestana & Gageiro, 2003).

Em todos os casos de estatística inferencial, foram considerados resultados significantes os que tinham  $p$  menor ou igual a 5% ( $p \leq 0,05$ ), já que, normalmente, em estudos correlacionais, como este, usa-se este critério para análise do valor de  $p$  (Dancey & Reidy, 2006).

### 3. Resultados e Discussão

#### 3.1. Dados sociodemográficos, Medidas do CDI e IHS

Para atender ao objetivo 1, serão apresentados a seguir dados sociodemográficos para caracterização da amostra, conforme normalmente há em publicações na área do Sistema Compreensivo do Método de Rorschach. Houve apenas uma exceção, em que se optou por substituir a variável Raça (Branca, Negra, Hispânica, Asiática e Outras) pela variável Cor de Pele, de ampla aceitação no Brasil, inclusive para realização dos censos. As categorias de Cor de Pele, aqui utilizadas, são as mesmas propostas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009). As categorias das outras variáveis sociodemográficas são as mesmas utilizadas na última publicação internacional de amostra brasileira de não pacientes (Nascimento, 2007, 2010).

Tabela 3

Frequência e porcentagem de participantes distribuídos segundo sexo, estado civil e faixa etária.

Variáveis		Frequência	Porcentagem
Sexo	Feminino	13	48,1%
	Masculino	14	51,9%
	Total	27	100%
Estado Civil	Solteiro	24	88,9%
	Casado	3	11,1%
	Total	27	100%
Faixa Etária	18 a 25	24	88,9%
	36 a 45	3	11,1%
	Total	27	100%

Percebe-se predomínio de participantes jovens (88,9% com idades entre 18 e 25 anos) e solteiros (88,9% da amostra). A amostra deste estudo se afasta da amostra brasileira de referência do Método de Rorschach no Sistema Compreensivo (Nascimento, 2007, 2010), já que nesta eram apenas 46% solteiros e 27% jovens (idades entre 18 e 25 anos). Por outro lado, a amostra deste estudo se aproxima da amostra de normatização do IHS, composta por universitários com idades entre 17 e 25 anos.

Tabela 4

Frequência e porcentagem de participantes distribuídos segundo faixas de Anos de Escolaridade

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida
Menos de 12 anos	2	7,4%	7,7%
12 anos	9	33,3%	34,6%
Entre 13 e 15 anos	9	33,3%	34,6%
16 anos ou mais	6	22,2%	23,1%
Total	26	96,3%	100,0%
Não respondido	1	3,7%	
Total	27	100,0%	

Predominam participantes com escolaridade entre 12 e 15 anos (69,2% da amostra), diferindo da amostra brasileira de referência do Método de Rorschach no Sistema Compreensivo, que apresenta predomínio de participantes com menos de 12 anos de escolaridade (54% da amostra). Essa diferença de valor já era esperada, já que a amostra desta pesquisa é composta exclusivamente por universitários, com isso se aproximando da amostra de normatização do IHS.

Tabela 5

Frequência e porcentagem dos participantes distribuídos segundo faixas de Cor da Pele autodeclarada.

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida
Preto	2	7,4%	8,0%
Branco	10	37,0%	40,0%
Pardo	12	44,4%	48,0%
Amarelo	1	3,7%	4,0%
Total	25	92,6%	100,0%
Não respondido	2	7,4%	
Total	27	100,0%	

Nesta pesquisa predominam pessoas que se autodeclararam de cor parda de pele (48%), seguidas de pessoas que se autodeclararam de cor branca de pele (40%). Esses dados são difíceis de comparar com a amostra brasileira de referência do Método de Rorschach no Sistema Compreensivo, já que possuem categorias diferentes, conforme já explicitado. Todavia os resultados podem ser comparados com os dados de cor de pele da população brasileira de 2008 divulgados pelo IBGE em 2009, em que 48,4% da população se considerava branca e 43,8% parda. Podemos dizer que as diferenças são pequenas, de até 8%. Conclui-se que a amostra desta pesquisa se aproxima da cor de pele da população brasileira. Pode-se dizer que o objetivo 1 foi alcançado, já que as variáveis sociodemográficas foram descritas e comparadas com amostras de referência.

Para atender os objetivos 2 e 3, serão apresentadas na Tabela 6 as medidas do Índice de Déficit Relacional e do inventário de Habilidades Sociais, por meio de estatística descritiva.

Tabela 6

Relação dos participantes (P1 a P27) e suas respectivas pontuações e classificações no IHS (Faixa de classificação e Percentil) e CDI (CDI Escalar e Classificação)

Participante	IHS Total	Classificação no IHS Faixa	Pontuação no CDI (Escalar)	Classificação no CDI	Sexo
P1	2,0%	Baixo	1	Negativo	M
P2	2,0%	Baixo	4	Positivo	M
P3	3,0%	Baixo	2	Negativo	M
P4	9,5%	Baixo	3	Negativo	M
P5	9,0%	Baixo	4	Positivo	M
P6	3,0%	Baixo	1	Negativo	M
P7	17,5%	Baixo	4	Positivo	M
P8	12,5%	Baixo	5	Positivo	M
P9	22,5%	Baixo	1	Negativo	M
P10	80,0%	Alto	1	Negativo	M
P11	4,0%	Baixo	3	Negativo	F
P12	80,0%	Alto	2	Negativo	M
P13	12,5%	Baixo	4	Positivo	F
P14	10,0%	Baixo	5	Positivo	F
P15	15,0%	Baixo	2	Negativo	F
P16	90,0%	Alto	5	Positivo	F
P17	92,5%	Alto	4	Positivo	M
P18	80,0%	Alto	1	Negativo	F
P19	82,5%	Alto	3	Negativo	F
P20	77,5%	Alto	3	Negativo	M
P21	87,5%	Alto	1	Negativo	F
P22	90,0%	Alto	2	Negativo	F
P23	82,5%	Alto	3	Negativo	F
P24	94,5%	Alto	1	Negativo	M
P25	20,0%	Baixo	2	Negativo	F
P26	87,5%	Alto	1	Negativo	F
P27	5,0%	Baixo	3	Negativo	F

A Tabela acima apresenta dados de cada participante e respectivos valores no IHS Total e no CDI, classificação no IHS Faixa e no CDI, e sexo.



Tabela 7

Mínimo, máximo, média e desvio padrão das variáveis escalares medidas pelo CDI (CDI escalar) e pelo IHS (IHS Total, F1, F2, F3, F4 e F5).

Variáveis	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CDI Escalar	1,00	5,00	2,6296	1,39085
IHS Total	0,02	94,5%	43,40%	38,74%
F1	0,01	85%	40,05%	32,08%
F2	0,02	100%	42,38%	32,68%
F3	0,01	97%	48,40%	34,97%
F4	0,05	97%	46,74%	27,03%
F5	0,05	97%	52,37%	32,26%

Por meio da estatística descritiva, a Tabela precedente apresenta os valores escalares de medidas do IHS e do CDI. Dentre as medidas do IHS, 3 (IHS Total, F1 e F2) possuem valores médios abaixo de 44%. Isso já era esperado, já que há mais participantes BHS (15) do que participantes AHS (12). Todavia, apesar desta pequena diferença entre participantes BHS e AHS, 3 medidas do IHS apresentaram valores médios muito próximos de 50% (entre 46% e 53%). O desvio padrão das medidas do IHS mostrou-se alto, conforme o esperado, já que a amostra era composta por participantes AHS (pontuações acima de 75% para o IHS Total) e BHS (pontuações abaixo de 25% para o IHS Total).

Tabela 8

Distribuição dos participantes quanto à frequência e à porcentagem, conforme as medidas ordinais do CDI e do IHS.

Variáveis ordinais		Frequência	Porcentagem
CDI	Negativo	19	70,4%
	Positivo	8	29,6%
	Total	27	100,0%
IHS Faixa	Baixo	15	55,6%
	Alto	12	44,4%
	Total	27	100,0%
F1 Faixa	Baixo	11	40,7%
	Médio Baixo	4	14,8%
	Médio Alto	7	25,9%
	Alto	5	18,5%
	Total	27	100,0%
F2 Faixa	Baixo	12	44,4%
	Médio Baixo	5	18,5%
	Médio Alto	4	14,8%
	Alto	6	22,2%
	Total	27	100,0%
F3 Faixa	Baixo	12	44,4%
	Médio Baixo	1	3,7%
	Médio Alto	5	18,5%
	Alto	9	33,3%
	Total	27	100,0%
F4 Faixa	Baixo	9	33,3%
	Médio Baixo	5	18,5%
	Médio Alto	8	29,6%
	Alto	5	18,5%
	Total	27	100,0%
F5 Faixa	Baixo	8	29,6%
	Médio Baixo	6	22,2%
	Médio Alto	3	11,1%
	Alto	10	37,0%
	Total	27	100,0%

A Tabela precedente apresenta dados do CDI inesperados nesta pesquisa. Na amostra brasileira (Nascimento, 2007), o CDI positivo aparece em 55% da amostra. Todavia, nesta pesquisa, apenas 29,6% dos participantes apresentaram CDI positivo. Tem-se como hipótese que os menos escolarizados apresentem maior probabilidade de obter o CDI positivo, já que o grande diferencial entre as amostras é número de anos estudados. Isso sugere a hipótese de

correlação do CDI com a variável “Anos de Escolaridade”. Diante dessa hipótese e dos dados já existentes, verificou-se que há correlação significativa ( $p \leq 0,05$ ) entre CDI e “Anos de Escolaridade”. Pessoas CDI+ se correlacionam com menos anos de escolaridade, por outro lado, pessoas CDI- estão positivamente associados a mais anos de escolaridade. Tem-se como hipótese que a escolaridade é um fator para o desenvolvimento de capacidades para lidar com a demanda social.

Com relação às medidas do IHS, apesar de o IHS Total se concentrar em pessoas BHS e AHS, como pré-estabelecido nesta pesquisa, os Fatores do instrumento (F1, F2, F3, F4 e F5) apresentaram ao menos 1 participante em cada categoria (Baixo, Médio Baixo, Médio Alto, Alto).

### 3.2. Associações entre medidas do CDI e do IHS

Para atingir o objetivo 4, foram realizadas diversas combinações de medidas das variáveis estudadas, com os respectivos cálculos, análises e interpretações dos diferentes testes estatísticos. E podemos afirmar, pelos resultados, inexistirem indícios de associações significativas entre as medidas do CDI (CDI escalar e CDI) e do IHS (IHS Total, F1, F2, F3, F4, F5, IHS Faixa, F1 Faixa, F2 Faixa, F3 Faixa, F4 Faixa e F5 Faixa), sejam correlações entre medidas ordinais entre si, entre medidas escalares e ordinais, e medidas escalares entre si.

Tabela 9

Distribuição, em tabela de contingência, dos participantes quanto à frequência e à porcentagem, segundo o CDI e o IHS Faixa.

			IHS Faixa		
			Baixo	Alto	Total
CDI	Negativo	Frequência	9	10	19
		Porcentagem	60%	83,3%	70,4%
	Positivo	Frequência	6	2	8
		Porcentagem	40%	16,7%	29,6%
Total	Frequência		15	12	27
	Porcentagem		100,0%	100,0%	100,0%

Apesar da ausência de dados para apoiar a correlação entre as medidas do CDI e IHS do ângulo da estatística inferencial, percebe-se, na Tabela precedente, tendência interessante, da perspectiva descritiva. Proporcionalmente, há mais participantes BHS avaliados como positivos para o CDI, comparados aos participantes AHS avaliados como positivo para o CDI. Ou seja, das 15 pessoas BHS, 06 (40%) foram avaliadas como positivo para o CDI; por outro lado, das 12 pessoas AHS, apenas 02 (16,7%) foram avaliadas como positivo para o CDI. Portanto, podemos ter como hipótese que os avaliados como BHS, possuem probabilidade maior de apresentar CDI positivo, se comparados a pessoas AHS, confirmando pesquisas anteriores e a ideia inicial deste estudo, a de que pessoas com déficit de HS teriam maior dificuldade para lidar com as demandas sociais, já que não possuem habilidades suficientes para lidar com tais demandas. Lembrar que, apesar dos indícios dos dados apresentados acima, a ideia de associação entre medidas do CDI e do IHS ainda é apenas hipótese, que pode ser refutada ou confirmada por outras pesquisas.

#### 4. Referências

Abaixo estão listadas todas as referências utilizadas ao longo do Estudo 2.

Balbi Neto, R. R. Q., Rafalski, J. C., Vieira, J. B. & Garcia, A. (2009). *Traços de personalidade Extroversão e Habilidades Sociais em universitários*. Trabalho

completo apresentado no I Congresso Brasileiro de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal, Vitória.

- Caballo, V. E. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo: Santos.
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006) *Estatística sem Matemática para Psicologia: Usando SPSS para Windows*. (3. ed) Porto Alegre: Artmed.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2001a). *Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette)*: Manual de aplicação, apuração e interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Del Prette, A. & Del Prette Z. A. P. (2001b). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Exner, J. E. & Sendín, C. (1999). *Manual de interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2009). *Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro.
- Nascimento, R.S.G.F. do (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a sample of 409 Adult Nonpatients from Brazil. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S35-41.
- Nascimento, R.S.G.F. do (2010). *Sistema Compreensivo do Rorschach: Teoria, pesquisa e normas para a população brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pestana, M.; Gageiro, J. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Villemor-Amaral, A. E. de & Pasqualini-Casado, L. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *Psico-USF*, 11 (2), 185-193.

## **IV. ESTUDO 3 – Investigação sobre aspectos de Relacionamento Interpessoal e Demandas Sociais em pessoas avaliadas como baixas em Habilidades Sociais ou como positivas para Déficit Relacional**

### Resumo

As pesquisas com o Método de Rorschach no Sistema Compreensivo, estudando população adulta de não pacientes, no Brasil, caminham para normatização. Estudos de metanálise transculturais sobre esses resultados apontam que a amostra brasileira apresenta os maiores valores para o Índice de Déficit Relacional (CDI) dentre 14 países. O CDI se relaciona com o manejo da demanda das relações sociais, podendo variar de 0 a 5, sendo que pessoas avaliadas como CDI=4 ou 5, consideradas positivas para o CDI (CDI+), normalmente apresentam problemas no enfrentamento das demandas comuns do meio social. A descrição de Habilidades Sociais (HS) assemelha-se à do CDI, servindo assim para investigar o CDI. O objetivo desta pesquisa é descrever e comparar, a partir do relato e percepção dos participantes, seus relacionamentos com familiares e amigos e habilidades (capacidades) para lidar com as demandas sociais, segundo avaliações feitas pelo Inventário de Habilidades Sociais, pelo Método de Rorschach e pela entrevista qualitativa. Para isso, participaram da pesquisa 17 universitários, sendo 15 BHS (06 CDI+ e 09 CDI-) e 08 CDI+ (06 BHS e 02 AHS). Os resultados da entrevista qualitativa apontam semelhança entre os relatos de participantes avaliados como BHS e os avaliados CDI+, indicando associação qualitativa descritiva entre Déficit Relacional e Baixas Habilidades Sociais. Conclui-se que os dados apontam validade do CDI para populações de escolaridade superior ou superior incompleto, e o Método de Rorschach como instrumento válido para avaliação de relações interpessoais com essa população.

## 1. Introdução

No fim do Estudo 1 apresentamos questionamentos relacionados ao Índice de Déficit Relacional (CDI). No Estudo 2 tentou-se responder alguns desses questionamentos utilizando prioritariamente dados objetivos, predominantemente escalares. Aqui no Estudo 3 introduzimos outro instrumento de coleta de dados, a entrevista qualitativa. Com isso, conforme apontado no Estudo 2, tentaremos acessar a mesma informação do participante por instrumento diferente, para assim ampliar as possibilidades de análise dos dados e seus resultados.

### 1.1. A avaliação de pessoas quanto às Habilidades Sociais

Pessoas avaliadas como Altas em Habilidades Sociais são normalmente consideradas pela literatura como Assertivas, enquanto pessoas socialmente deficitárias são consideradas Agressivas ou Passivas. Assim, havendo associações entre déficit de Habilidades Sociais e Déficit Relacional, pessoas positivas para o CDI apresentarão padrões de comportamento característicos de Agressivos ou Passivos, e de pessoas Assertivas. Por isso, será feita breve descrição de Assertividade, Passividade e Agressividade.

#### 1.1.1. Assertividade

A assertividade é a expressão direta dos sentimentos, das necessidades, dos direitos legítimos e das opiniões, sem ameaça ou castigo pelos demais, sem violação dos direitos dessas pessoas. A mensagem básica de um assertivo é: *“eu penso isto”, “eu sinto isto”, “Dessa forma que vejo a situação”* (Caballo, 2003).

Na asserção há respeito por si mesmo e pelo outro, isto é, há expressão das próprias necessidades e defesa dos próprios direitos, bem como consideração pelos direitos e necessidades alheios. O foco da assertividade é possibilitar a comunicação respeitosa para

ambas as partes. Assim, ninguém tem sua integridade básica ferida e ambos satisfazem suas necessidades, em parte ou de alguma forma. O assertivo se expressa considerando: os direitos de todos, as próprias responsabilidades e possíveis consequências (Caballo, 2003).

Quem fala de si deve considerar seus direitos na situação e os alheios, afóra responsabilidades e consequências da expressão de seus sentimentos. Mas nem todo comportamento assertivo resultará sem conflito entre as partes. Frequentemente, é impossível a ausência total de conflito. Normalmente o comportamento assertivo traz consequências favoráveis para ambas as partes. Todavia, há situações em que o comportamento assertivo, mesmo apropriado, pode causar algum desconforto no outro, mesmo impedindo que necessidades sejam satisfeitas à custa da violação dos direitos alheios. A assertividade busca maximizar efeitos favoráveis e minimizar os desfavoráveis para os indivíduos no longo prazo (Caballo, 2003).

### 1.1.2. Passividade

A passividade ocorre diante da violação dos próprios direitos da pessoa, quando inábil para expressar honestamente seus sentimentos, pensamentos e opiniões, permitindo aos outros violarem seus direitos ou facilitando essa violação. A mensagem que geralmente esse comportamento passa é: *“Minhas opiniões não contam”, “Meus pensamentos não importam, somente os seus”, “Pode se aproveitar de mim”, “Meus sentimentos não são importantes, somente os seus”, “Eu não tenho valor, somente você”* (Caballo, 2003).

A pessoa passiva desrespeita suas próprias necessidades e desconsidera a habilidade do outro em lidar com frustrações, assumir responsabilidades e problemas. O foco da passividade é acalmar os demais e evitar embates a todo custo, mesmo violando sua própria integridade (Caballo, 2003).



Tais comportamentos podem resultar numa série de consequências desagradáveis para ambas as partes. Primeiramente não são satisfeitas suas necessidades ou suas opiniões não são entendidas, devido a dificuldades comunicativas, manifestadas nas formas de comunicação indireta ou distorcida e mesmo na sua ausência. Outra consequência é que a pessoa geralmente se sente incompreendida, desconsiderada e manipulada, assim como irritada, incomodada ou hostilizada, podendo tornar-se agressiva para com o outro. Consigo mesma, pode sentir-se mal, já que se vê inábil para expressar adequadamente suas opiniões e sentimentos. Isso pode levá-la a sentir-se culpada, ansiosa, deprimida e com baixa autoestima. Pode, também, desenvolver queixas somatoformes, como problemas cardiovasculares e dermatológicos, correlatos à inabilidade de expressão de sentimento (Caballo, 2003).

A suportabilidade à frustração é limitada. Daí ser provável, em situações sucessivas de agressão ou sob forte situação agressiva, a evocação de sentimentos negativos com comportamentos agressivos. A intensidade dos comportamentos manifestos costuma ser desproporcional à situação prévia de agressão (Caballo, 2003).

### 1.1.3. Agressividade

A agressividade ocorre quando se faz valer os próprios direitos, expressando pensamentos, sentimentos e opiniões de tal forma que costuma ser desrespeitosa, desonesta, inapropriada, ou violando direitos alheios. Esse comportamento pode se manifestar por meio direto ou indireto. Por meio direto pode caracterizar-se como: 1) agressão oral, incluindo ofensas, insultos, humilhações, ameaças e hostilizações; 2) gesto agressivo ou ameaçador como: fechar os punhos, expressão facial de raiva ou ódio, e agressão física. Indiretamente, pode ser manifestado por: 1) comentários rancorosos, irônicos, sarcásticos, e murmúrios

maliciosos; 2) gestos irônicos e debochados. Qualquer das ações pode ser dirigida aos outros ou a objetos (Caballo, 2003).

A agressão visa usualmente dominar e vencer, forçar o outro a perder. A mensagem básica que passa é: “*eu penso isso - e você é tolo por pensar diferente*”. “*eu quero isso – o que você quer não conta*”. “*eu sinto isso – não importam seus sentimentos*”. O comportamento agressivo pode produzir resultados positivos no curto prazo, mas, muitas vezes, com consequências desfavoráveis no longo prazo. As consequências favoráveis podem ser: expressão (descontrolada) das emoções, sensação de poder, conquista de objetos, objetivos e necessidades, provocando pouca ou nenhuma reação direta da outra parte. Consequências negativas imediatas podem ser: sentimento de culpa, contra-agressão direta e enérgica (agressão oral ou física), ou contra-agressão indireta (gestos ou comentários irônicos). De qualquer forma, normalmente os resultados são negativos no longo prazo, incluindo conflito no relacionamento interpessoal (agressões mútuas), fuga e esquiva da outra parte (Caballo, 2003).

#### 1.1.4. Assertividade, Passividade, Agressividade e o Inventário de Habilidades Sociais

Infelizmente, no Brasil quase inexitem pesquisas apontando correlações entre Assertividade, Passividade, Agressividade e o Inventário de Habilidades Sociais (IHS). Apesar de a literatura apontar associação Assertividade-altas Habilidades Sociais, Balbi Neto, Nadai & Jardim (2009) apresentam indícios de que pessoas AHS avaliadas pelo IHS podem apresentar padrões de Assertividade e Agressividade. Por outro lado, os mesmos autores confirmam a bibliografia ao revelarem BHS, avaliados pelo IHS, com padrões de passividade. Assim, no Estudo 3 tomaremos pessoas BHS como padrão de comparação para investigação do Déficit Relacional.

## 1.2. Objetivos do estudo

Descrever e comparar, a partir do relato e percepção dos participantes, seus relacionamentos com familiares e amigos e habilidades (capacidades) para lidar com as demandas sociais, segundo avaliações feitas pelo Inventário de Habilidades Sociais, pelo Método de Rorschach e pela entrevista qualitativa.

Este estudo tem por objetivos específicos:

1. Descrever de que modo os participantes avaliados como baixo escore em habilidades sociais relatam, suas habilidades (capacidades) para lidar com as demandas sociais.
2. Descrever de que maneira os participantes avaliados positivos para o Índice de Déficit Relacional, relatam suas habilidades (capacidades) para lidar com as demandas sociais.
3. Descrever de que forma os participantes avaliados como baixo escore em habilidades sociais relatam, seus relacionamentos com familiares e amigos.
4. Descrever como os participantes avaliados positivos para o Índice de Déficit Relacional relatam, seus relacionamentos com familiares e amigos.
5. Comparar os resultados dos relatos entre os participantes avaliados como baixo escore em habilidades sociais e os participantes avaliados positivos para o Índice de Déficit Relacional.
6. Verificar se existem associações qualitativas entre os relatos dos participantes sobre habilidades para lidar com as demandas sociais e os resultados do Índice de Déficit Relacional e do Inventário de Habilidades Sociais.

7. Verificar se existem associações qualitativas entre os relatos dos participantes sobre seus relacionamentos com familiares e amigos e os resultados do Índice de Déficit Relacional e do Inventário de Habilidades Sociais.

## 2. Método

### 2.1. Participantes

Participaram deste estudo 17 universitários, divididos em dois grupos: o Grupo 1 composto por 15 participantes baixos em habilidades sociais (BHS), 06 avaliados como positivo para o CDI (CDI+) e 09 como negativo (CDI-); e o Grupo 02 composto por 08 CDI+, sendo 06 avaliados BHS e 02 AHS. 06 participantes compunham os dois grupos simultaneamente, pois eram BHS e CDI+.

Os participantes do Grupo 01 (BHS) eram 06 do sexo feminino e 08 do masculino, todos com idade entre 18 e 44 anos ( $M=24,27$  e  $DP=8,9$ ), 03 casados e 12 solteiros. Apresentaram pontuação no IHS com Média =9,83% e Desvio Padrão = 6,74%, e no CDI Média =2,93 e Desvio Padrão = 1,39.

Os participantes do Grupo 02 (CDI+) eram 03 do sexo feminino e 05 do masculino, todos com idade entre 18 e 43 anos ( $M=22,88$  e  $DP=8,44$ ), 01 casada e 07 solteiros. No IHS apresentaram Média =30,75% e Desvio Padrão = 37,59%, e, no CDI, 03 obtiveram 05 pontos e 05 obtiveram 04.

### 2.2. Instrumentos

Foram utilizados o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e o Método de Rorschach (MR) no Sistema Compreensivo, conforme descrito no Estudo 2. Além desses instrumentos utilizou-se também a Entrevista qualitativa.

#### Entrevista qualitativa

A entrevista qualitativa, conforme proposta de Creswell (2007), usa roteiro de questões abertas e fechadas (Apêndice 1) aplicado em procedimento de entrevista fenomenológica, conforme proposto por Gomes (1997) e exemplificado em diferentes pesquisas orientadas por ele (Gomes, 1998). As propostas de Creswell (2007) e Gomes (1997) não são contraditórias, já que a primeira engloba a segunda. Optou-se por chamar este instrumento de entrevista qualitativa, mesmo podendo seus dados gerarem análises diferentes. Neste estudo, os dados da entrevista foram tratados por método fenomenológico e estatística inferencial; em ambos os casos, são chamados dados qualitativos, seja na descrição, redução e interpretação de respostas de uma questão aberta (Creswell, 2007), seja na análise inferencial estatística de questão fechada do tipo Likert (Pereira, 1999). Analisar de maneiras diferentes um mesmo instrumento é fundamental em pesquisas de método misto concomitante.

Neste roteiro o participante informa dados sociodemográficos e biográficos (remotos e atuais), enfocando os relacionamentos interpessoais e suas habilidades para lidar com as demandas sociais. As informações coletadas com esse instrumento foram usadas como variáveis de controle e variáveis independentes, conforme orientações de Pereira (1999).

Os tópicos do roteiro (Apêndice 1) são divididos em 5 grupos: Dados Gerais, Histórico pessoal, Relacionamento interpessoal geral, Cônjuge, e Família. Cada um dos grupos reúne as seguintes variáveis:

1. Dados Gerais: nome completo, sexo, telefone para contato, idade, *e-mail*, endereço, escolaridade, ocupação, curso, período do curso, instituição de ensino superior, anos de escolaridade (em escala de 4 opções), estado civil (9 opções), cor de pele (5 opções), naturalidade, nacionalidade, religião, pessoas com que o participante está convivendo, tipo de moradia, ocupação do cônjuge e idade dele, 3 dos problemas que mais incomodam o participante (em ordem de prioridade),

relato de como começou e como se desenvolveu cada problema, severidade do problema principal (em escala Likert de 5 opções).

2. Histórico pessoal: presença de acompanhamento psicológico/psiquiátrico anterior, tipo de profissional que fez o acompanhamento, presença e tipo de doença (ou transtorno) diagnosticado por um médico anteriormente, uso de medicação, saúde durante a infância, saúde durante a adolescência, atividades do participante nos fins de semana e feriados, pensamentos predominantes.

3. Relacionamento interpessoal geral: facilidade em fazer amigos (5 opções), manutenção das amizades (5 opções), descrição do relacionamento com os amigos, qualificação do relacionamento com os amigos (5 opções), descrição do comportamento do participante em situação de incômodo ou irritação, frequência com que as pessoas se “aproveitam” do participante (5 opções), descrição de como as pessoas se aproveitam do participante, descrição de como o participante se comporta para evitar que as pessoas se aproveitem dele, descrição do comportamento do participante diante da crítica social.

4. Cônjuge: descrição de como conheceu o cônjuge antes do compromisso, descrição da relação com o cônjuge, áreas de compatibilidade com o cônjuge, áreas de incompatibilidade com o cônjuge.<sup>6</sup>

5. Família: dados dos pais (falecimento, idade, ocupação, estado de saúde), dados dos irmãos (número e idade), descrição do relacionamento com irmãos, irmãs, pai e mãe, passado e atual, qualificação do relacionamento passado com irmãos(ãs) (5 opções), pai (5 opções) e mãe (5 opções), qualificação do relacionamento atual com irmãos(ãs) (5 opções), pai (5 opções) e mãe (5 opções),

---

<sup>6</sup> As três participantes casadas responderam as perguntas referentes a este grupo. As respostas foram analisadas mas não foram incluídas nos resultados sobre relacionamento interpessoal, já que o número de respondentes (três) representavam uma parcela muito pequena da amostra total (17,6%).

descrição do modo como foi educado pelos pais, descrição do ambiente familiar, intensidade de confiança nos pais (5 opções), intensidade de sentir-se compreendido pelos pais, idade de quando o pai (ou a mãe) se casou de novo, descrição do relacionamento com o padrasto (ou madrasta), caso houvesse, descrição de interferência negativa familiar em momentos importantes da vida, descrição sobre casos de alcoolismo, epilepsia ou transtorno mental na família (e grau de parentesco).

### 2.3. Análise qualitativa de dados

#### Análise qualitativa por meio do método fenomenológico

Os dados da entrevista foram analisados seguindo os 3 passos da fenomenologia-semiótica (Gomes, 1997, 1998, Lanigan, 1997): descrição qualitativa, análise indutiva e interpretação, incluindo no contexto também os dados quantitativos, na medida em que são possíveis reversibilidades entre dados quantitativos e qualitativos (Souza & Gomes, 2003). As variáveis de interesse da entrevista qualitativa foram transcritas e analisadas conforme descrito.

Foram selecionados para análise 2 grupos de entrevistas: 1) Grupo 1: participantes avaliados como BHS; e 2) Grupo 2: Participantes positivos para o CDI. O primeiro grupo era composto por 15 participantes, 06 avaliados como positivo para o CDI e 09 como negativo; já o segundo era composto por 08 participantes, sendo 06 avaliados BHS e 02 AHS. Assim, foram excluídos da análise participantes avaliados como negativo pelo CDI e AHS. Isso se justifica, pois a variável de estudo é o Déficit Relacional, e, como informado no Estudo 1, pessoas avaliadas como negativo para o CDI podem ou não apresentar Déficit Relacional, devido a possíveis falsos negativos. Por outro lado, quase todos os avaliados como positivos para o CDI apresentarão Déficit Relacional, dada a baixa taxa de falsos positivos.

Ademais, como afirmado na Introdução, há indícios (Balbi Neto, Nadai & Jardim, 2009) apontando avaliados AHS não necessariamente assertivos, pois apresentam agressividade excessiva e consequente dificuldade em lidar com demandas sociais. Essas pessoas, apesar de AHS, se autodescrevem como agressivas em diversas situações interpessoais, e também são descritas por pares como tal (Balbi Neto, Nadai & Jardim, 2009). Por outro lado, o mesmo estudo aponta BHS com dificuldades em lidar com demandas sociais, autodescrevendo-se passivas em diversas situações interpessoais, e também pelos pares.

Portanto, entendendo haver probabilidade de os participantes negativos para o CDI serem falsos negativos, e os participantes AHS apresentarem Déficit Relacional, optou-se pela análise das entrevistas apenas dos participantes BHS e positivos para o CDI. A hipótese era que os temas nos Grupos 1 e 2 seriam convergentes.

### Análise qualitativa por estatística inferencial

Segundo Pereira (1999), o uso de variáveis ordinais e nominais em procedimentos de estatística inferencial é chamado análise qualitativa de dados. As informações coletadas foram digitadas e analisadas com ajuda de programa computacional SPSS® (Statistical Package for the Social Sciences, versão 15). Verificaram-se as correlações entre as medidas qualitativas provenientes do CDI, IHS e entrevista qualitativa, por meio do cálculo, da análise e da interpretação dos coeficientes V de Cramer e qui-quadrado. Por se tratar de amostra pequena (inferior a 30) optou-se pelo uso do Teste Exato de Fischer. Foi utilizado também o cálculo, a análise e a interpretação do Resíduo Ajustado, para verificar quais associações contribuíram positivamente (associações positivas de Resíduo Ajustado) (Dancey & Reidy, 2006; Pestana & Gageiro, 2003).



Em todos os casos de estatística inferencial, foram considerados resultados significantes os com  $p$  menor ou igual a 5% ( $p \leq 0,05$ ), já que, normalmente, em estudos correlacionais, como este, utiliza-se esse critério para análise do valor de  $p$  (Dancey & Reidy, 2006).

### 3. Resultados e Discussões

Os resultados e discussão são apresentados em 3 partes: na primeira apresentam-se os resultados obtidos pelo método fenomenológico, item 3.1 (Resultados: descrição das repostas dos entrevistados), na segunda parte, item 3.2 (Discussão: redução e interpretação), são discutidos os resultados do item 3.1, e por último, item 3.3 (Resultados e discussão: estatística inferencial), apresentação e discussão dos dados analisados por estatística inferencial. Os resultados das categorias temáticas das repostas dos entrevistados neste estudo estão resumidas em quadros no Apêndice 4.

#### 3.1. Resultados: descrição das repostas dos entrevistados

Para atender aos objetivos de 1 a 4, descreveremos as repostas em dois grupos (1 e 2) de participantes em duas partes temáticas. Na primeira parte são apresentadas as categorias sobre como os participantes lidam com as demandas sociais, e, na segunda, a descrição do relacionamento dos participantes com familiares e amigos. O grupo 1, como declarado, é composto por participantes BHS, e o Grupo 2, por participantes positivos para o CDI. Tinha-se como hipótese que os grupos apresentariam categorias temáticas semelhantes.

As frases em *itálicos* são transcrições literais das entrevistas. Em geral, são frases resumindo ou indicando as posições dos entrevistados sobre os temas abordados. Ao fim de cada citação há referência ao participante, já listado no Estudo 2. Muitas categorias do Grupo 1 apresentam descrições próximas a categorias do Grupo 2, por isso receberam o mesmo nome. Entendemos que as descrições ainda são distintas, mas as diferenças não

justificavam a criação de novas categorias, por isso optamos pelo mesmo nome, por se tratar de categorias similares. Em alguns casos, as categorias são idênticas, e única a descrição da categoria, diferentemente do caso anterior (categorias similares), em que a descrição é feita para o Grupo 1 e para o Grupo 2. Essa redescrição de categorias similares visa mostrar ao Leitor as pequenas diferenças existentes entre elas. Optou-se em utilizar categorias previamente estabelecidas conforme o instrumento sugere para os relacionamentos interpessoais: relacionamento com amigos, irmãos, pai e mãe.

### 3.1.1. Descrição dos participantes sobre demandas sociais

#### Descrição dos participantes avaliados como baixo em Habilidades Sociais – Grupo 1

Descrevem-se abaixo as categorias temáticas do Grupo 1 sobre demandas sociais. Essa descrição é feita em 3 grandes categorias temáticas: “As pessoas me pedem dinheiro e favores”, “A percepção do ‘aproveitam-se de mim’” e “Formas de lidar com a demanda social”.

#### As pessoas me pedem dinheiro e favores

Uma das formas de demanda social é percebida pelos participantes como pedidos genéricos (pedir favores) e específicos, como pedir dinheiro e ajuda em trabalhos de faculdade. A demanda social também é percebida como “ser deixado esperando” por algum motivo e pedidos de mudanças de comportamento que incomodam os entrevistados.

*“As pessoas me deixam esperando e me pedem para fazer a parte delas nos trabalhos da faculdade.” (P4)*

*“Me pedem favores. Me pedem para me comportar de uma maneira que eu não sou.” (P6)*

*“As pessoas pedem dinheiro emprestado.” (P8)*

### A percepção do “aproveitam-se de mim”

Esta categoria temática é subdividida em 3 subcategorias: “As pessoas não se aproveitam de mim”, “As pessoas se aproveitam de mim” e “Não sei como as pessoas se aproveitam de mim”.

#### As pessoas não se aproveitam de mim

Na percepção dos participantes as pessoas não se aproveitam dele, pois ele sabe lidar com essa demanda. Em contrapartida, podem as pessoas simplesmente não tentar se aproveitar dele, por isso as pessoas não se aproveitam dele.

*“As pessoas não se aproveitam de mim. Eu sei dizer não.” (P9)*

#### As pessoas se aproveitam de mim

Os entrevistados percebem que as pessoas se aproveitam deles, o que pedem e em que situação pedem. Nesse caso existe demanda social específica percebida pelo participante.

*“Quando pede ajuda, eu ajudo, mesmo percebendo que a pessoa está se aproveitando [...]” (P2)*

#### Não sei como as pessoas se aproveitam de mim

Os entrevistados percebem que as pessoas se aproveitam deles de alguma forma, mas não sabem explicar como isso acontece, nem em que situação.

*“Não sei explicar como as pessoas se aproveitam de mim, como isso acontece.”*  
(P15)

#### Formas de lidar com a demanda social

A categoria “Formas de lidar com a demanda social” é subdividida em 3 subcategorias: “Eu (acho que) sei dizer não”, “Eu me afasto”, e “Eu tenho dificuldade para dizer não”.

### Eu (acho que) sei dizer não

O participante se percebe habilidoso o suficiente para negar pedidos que não gostaria de atender. Como estratégia, diz que não atenderá aos favores, ou sempre diz que está sem dinheiro ou costuma pedir moedas emprestadas para evitar que os outros lhe peçam dinheiro.

*“As pessoas da sala de aula me pedem para digitar alguma coisa, me pedem dinheiro, principalmente para xerox. Digo que não tenho dinheiro e que não posso digitar.”*

(P05)

### Eu me afasto

Outra estratégia dos entrevistados é afastar-se dos aproveitadores. Entendem que a distância evita a demanda social.

*“Demoro para confiar. Acho que isso evita que elas se aproveitem de mim. Mantenho uma distância segura.” (P1)*

*“Eu normalmente me afasto para evitar que as pessoas se aproveitem de mim.” (P7)*

### Eu tenho dificuldade para dizer não

O participante se percebe com dificuldades para negar pedidos e favores.

*“A pessoa sabe que eu não sei dizer não. Por exemplo: elas pedem para eu fazer bolo e eu faço sem querer.” (P14)*

Descrição dos participantes avaliados como positivo no Índice de Déficit Relacional – Grupo 2

Descrevem-se abaixo as 3 categorias temáticas do Grupo 2 sobre demandas sociais: “As pessoas me pedem dinheiro e favores”, “A percepção do ‘aproveitam-se de mim’” e “Formas de lidar com a demanda social”.

### As pessoas me pedem dinheiro e favores

A demanda social é percebida pelos participantes principalmente como pedidos genéricos (pedir favores) e específicos, como pedir dinheiro e ajuda em trabalhos de faculdade.

*“Se aproveitam da minha boa vontade. [...] Sempre me disponho em fazer as coisas.” (P16)*

*“Se aproveitam da minha situação financeira.” (P7)*

*“Ofereço bastante ajuda, às vezes as pessoas querem demais, para que eu faça trabalho de todo tipo, como exercícios da faculdade.” (P2)*

### A percepção do “aproveitam-se de mim”

Esta categoria temática é subdividida em duas subcategorias díspares: “As pessoas se aproveitam de mim” e “Não sei como as pessoas se aproveitam de mim”.

### As pessoas se aproveitam de mim

Nesta primeira categoria os entrevistados percebem que as pessoas se aproveitam deles, o que pedem e em que situação pedem. Neste caso existe demanda social específica percebida pelo participante.

*“Se aproximam de mim para se aproximar de outras pessoas. Se aproximam de mim para fazer grupos de atividade acadêmica” (P17)*

### Não sei como as pessoas se aproveitam de mim

Já nesta segunda categoria os entrevistados percebem que as pessoas se aproveitam deles de alguma forma, mas não sabe explicar como isto acontece, nem em que situação isto ocorre.

*“Não sei, eu sou muito besta. Acredito muito nas pessoas. Achava que eram minhas amigas, mas não eram.” (P13)*

## Formas de lidar com a demanda social

A categoria “Formas de lidar com a demanda social” é subdividida em 3 subcategorias: “Eu (acho que) sei dizer não”, “Eu me afasto”, e “Eu tenho dificuldade para dizer não”.

### Eu (acho que) sei dizer não

O participante se percebe habilidoso o suficiente para negar pedidos que não gostaria de atender. Como estratégia, diz que não atenderá aos favores, ou sempre diz que está sem dinheiro ou pedindo moedas emprestadas para evitar que os outros lhe peçam dinheiro.

*“É muito difícil eu atender pedidos que eu gostaria de recusar.” (P16)*

### Eu me afasto

Estas categorias temáticas são idênticas às categorias de mesmo nome do Grupo 1, pois os 2 participantes AHS não contribuíram com suas falas para esta categoria, apenas os 6 participantes BHS.

### Eu tenho dificuldade para dizer não

O participante se percebe com dificuldades para negar pedidos e favores. Em alguns momentos atende sem querer atender, em outros consegue dizer “não” com dificuldade.

*“Como sabem que eu não recuso, fazem disso uma lei. Geralmente não ligo, eu faço.” (P16)*

Descrição dos participantes sobre relacionamentos com familiares e amigos.

Descrição dos participantes avaliados como baixo em Habilidades Sociais – Grupo 1

Relacionamento com os amigos

Descreveremos aqui a percepção dos participantes quanto aos relacionamentos deles com os amigos em 2 grandes categorias: “Qualificação do relacionamento com os amigos” e “Atividades agradáveis realizadas com os amigos”. A primeira trata propriamente de como é o relacionamento com os amigos, e a segunda descreve as atividades conjuntas.

Qualificação do relacionamento com os amigos

A categoria “Qualificação do relacionamento com os amigos” foi subdividida em 3 subcategorias: “Grande proximidade com os amigos”, “Pouca proximidade com os amigos” e “Ausência ou resolução de conflitos com os amigos”.

Grande proximidade com os amigos

Na percepção dos participantes, o relacionamento com os amigos é íntima, *“é quase uma irmandade”*, são muito próximos aos amigos. O modo de pensar dos amigos assemelha-se ao do participante, a conversa entre eles é fluente, e tratam também de assuntos íntimos. Eles se ajudam em qualquer tipo de problema, se importam uns com os outros. O relacionamento é de respeito, confiança, mutualidade, intimidade, proximidade, sinceridade e cumplicidade.

*“Amizade pra mim é parceria, poder contar com o outro, confiança, contar para qualquer coisa. Qualquer problema, pessoal ou profissional.” (P7)*

### Pouca proximidade com os amigos

Por outro lado, o relacionamento do participante com os amigos também é de pouca proximidade. Na percepção deles o relacionamento é muito bom e ótimo, tem muita diversão, conversar sobre todos os assuntos, inclusive os íntimos, apesar de tentar evitar. De maneira geral, *“conversa de tudo, mas não envolve muito assuntos pessoais” (P2).*

### Ausência ou resolução de conflitos com os amigos

O relacionamento com os amigos também é qualificado como ausente de conflito ou problema. Relacionamento sem briga ou discussão, pacífico. Mesmo quando o amigo “explode”, o problema é resolvido facilmente.

*“Não tem briga, mantenho a paz.” (P3)*

### Atividades agradáveis realizadas com os amigos

Outro tema que emerge entre os entrevistados é atividades agradáveis realizadas junto com os amigos. Na percepção dos participantes, eles conversam e saem com os amigos. Conversam sobre diversos assuntos, como *“futebol, mulher” (P8)*, *“psicologia, religião, sexo, besteiras” (P3)*, assim como assuntos íntimos. Eles saem a diversos lugares para comer e se divertir, como festa de família, cinema, teatro, restaurante, pizzaria, lanchonete, bar e danceteria.

### Relacionamento com os irmãos

O relacionamento dos participantes com os irmãos é descrito em 2 grandes categorias: “Qualificação no relacionamento com os irmãos” e “Melhor relacionamento com a irmã do que com o irmão”. No primeiro tema, “Qualificação no relacionamento com os



irmãos”, são descritas as maneiras como o participante qualifica os relacionamentos com os irmãos, e no segundo tema emerge uma síntese do relacionamento ao longo do tempo. Foram consideradas apenas as entrevistas dos participantes que possuem irmão(s) ou irmã(s).

### Qualificação no relacionamento com os irmãos

A Qualificação no relacionamento com os irmãos foi feita em 3 subcategorias: “Conflitos no relacionamento com os irmãos no passado”, “Distanciamento no relacionamento atual com os irmãos”, e “Afetividade no relacionamento com os irmãos”.

#### Conflitos no relacionamento com os irmãos no passado

Na percepção dos participantes, o relacionamento com os irmãos foi conflitivo. As brigas eram constantes na infância e adolescência. Há rivalidade entre meninos e exclusão de meninas do grupo de irmãos, até distanciamento na adolescência.

*“Antes era muito difícil, até os 16 anos, tipo uma rivalidade com meu irmão.” (P9)*

*“Relacionamento com meus irmãos foi ruim, na infância me sentia excluída” (P25)*

*“No passado [infância], brigava muito, na adolescência, ele parava de falar comigo, ficava até seis meses sem falar.” (P4)*

#### Distanciamento no relacionamento atual com os irmãos

O relacionamento atual com os irmãos não apresenta mais conflitos como na infância e adolescência, contudo há a percepção dos participantes de que os irmãos se afastaram ou cortaram o contato.

*“Hoje é ruim, porque não tem contato” (P15)*

*“Hoje é coisa normal ele não falar comigo. Passo o dia em casa e não troca nem olhar. Conversa pouco e conversar é raro.” (P4)*

### Afetividade no relacionamento com os irmãos

Na percepção dos participantes, há afetividade e carinho entre eles e os irmãos, podendo haver ou não amizade ou intimidade. Compartilham atividades em comum, como tarefas domésticas, viagens e conversas superficiais ou mais próximas.

*“Nunca foi um relacionamento de amizade, mas de muito carinho um pelo outro.” (P2)*

*“[com minha irmã mais nova] é só conversa bestas sobre colégio e amigas. [Nosso relacionamento é] muito tranquilo, de muito afeto com ela.” (P8)*

*“A gente passa tempo vendo televisão e viajando com nossos pais. A gente conversa nas refeições sobre o cotidiano e o futuro dela.” (P7)*

### Melhora no relacionamento com os irmãos com o tempo

Na percepção dos entrevistados, na infância havia muitos conflitos com irmãos, porém ao longo do tempo o relacionamento, marcado por brigas e desentendimentos, melhorava. Contribui para essa melhora a ausência das brigas com o natural distanciamento dos irmãos e o aumento da afetividade, como descrito anteriormente.

*“Meu irmão foi crescendo e foi ficando melhor o relacionamento com ele” (P13)*

*“Agora é bom, porque parou de brigar e conversa melhor” (P11)*

*“Nunca tive um relacionamento próximo, ultimamente a gente tem se aproximado mais, cozinhado junto, passando tempo dentro de casa” (P2)*

### Melhor relacionamento com a irmã do que com o irmão

Os relacionamentos com as irmãs de maneira geral são melhores do que com os irmãos. O relacionamento com os irmãos é caracterizado por “brigas de irmãos” ou “rivalidade de irmãos”, já com as irmãs o relacionamento é percebido como de carinho e proteção.

*“Com meu irmão eu brigava muito, toda hora. Com a minha irmã era muito bom, coisa até que protetora” (P1)*

*“Tinha briguinha de irmão, mas com a irmã era muito carinho” (P3)*

## Relacionamento com o pai

O relacionamento com o pai é descrito aqui em 2 grandes categorias: “Qualificação no relacionamento com o pai” e “Atividades agradáveis realizadas com o pai”. No primeiro tema, “Qualificação no relacionamento com o pai”, são descritas as maneiras como o participante qualifica os relacionamentos com o pai; no segundo, descrevem-se as atividades agradáveis com o pai.

### Qualificação no relacionamento com o pai

A qualificação do relacionamento com o pai é feita em 3 subcategorias: “Intimidade no relacionamento com o pai”, “Distanciamento no relacionamento com o pai” e “Presença de conflito e desrespeito no relacionamento com o pai”.

### Intimidade no relacionamento com o pai

O relacionamento com pai é qualificado como de intimidade, o pai é percebido como conselheiro, amigo, protetor e cuidador.

*“Meu pai era meu conselheiro, meu melhor amigo. Se eu tinha dúvida eu conversava com ele. Tinha um relacionamento aberto, bem bacana.” (P1)*

## Distanciamento no relacionamento com o pai

O relacionamento com o pai também é qualificado como de distanciamento, em que há contato entre pai e filho, mas pouca intimidade ou amizade.

*“Atualmente não tenho relacionamento próximo. Tenho muito carinho, mas não tenho intimidade.”* (P2)

## Conflito e desrespeito no relacionamento com o pai

Os entrevistados percebem que no relacionamento com o pai também há conflito e desrespeito. A agressão normalmente é percebida por parte do pai e não do filho. Os conflitos normalmente têm relação com o trabalhar junto, comum em empresas familiares.

*“Foi meu patrão, a relação foi conflitante.”* (P7)

*“Ele sabe que não gosto de trabalhar com ele. No trabalho eu enxergo a figura de um chefe.”* (P8)

## Atividades agradáveis realizadas com o pai

Na percepção dos participantes, são diversas as atividades realizadas com o pai, tanto atividades mais intelectuais como conversas, leitura e filmes, quanto atividades mais esportivas como ciclismo, caminhada e vôlei, afora outras atividades como sair à noite, ir à praia, passear e viajar. Ao longo do tempo é percebida diminuição nas atividades agradáveis.

*“A gente faz muitas coisas juntos, como ciclismo, caminhada e vôlei”* (P7)

*“Hoje continua conversando sobre leitura e filmes”* (P11)

## Relacionamento com a mãe

O relacionamento com a mãe é descrito aqui em 2 grandes categorias: “Qualificação no relacionamento com a mãe” e “Atividades agradáveis realizadas com a mãe”. No

primeiro tema, são descritas as maneiras pelas quais o participante qualifica os relacionamentos com a mãe; no segundo, descrevem-se as atividades agradáveis com a mãe.

### Qualificação no relacionamento com a mãe

A qualificação do relacionamento com a mãe é feita em 3 subcategorias: “Afeto e proximidade no relacionamento com a mãe”, “Respeito no relacionamento com a mãe” e “Conflitos e desentendimentos no relacionamento com a mãe”.

#### Afeto e proximidade no relacionamento com a mãe

O relacionamento com a mãe é qualificado como tendo afeto, carinho, harmonia, amizade, brincadeiras e um pouco de intimidade. A intimidade está presente, mas não é plena como ocorre com os amigos. É percebida pelo participante melhora progressiva no relacionamento com a mãe, como aproximação e afeto.

*“Sempre de muito carinho e harmonia, mas pouca intimidade. Ultimamente tem aumentado um pouco a intimidade” (P2)*

#### Respeito no relacionamento com a mãe

Na percepção dos participantes há respeito no relacionamento com a mãe: mesmo nos desentendimentos, o filho questionava a mãe sem desrespeitá-la. A mãe é vista ao modo de figura de autoridade que fala e é ouvida. Ela deve ser respeitada, mas pode ser questionada.

*“Respeito ela. Nunca precisou me bater. Ela fala, a gente obedece.” (P4)*

*“Eu peitava ela sem desrespeitar.” (P14)*

#### Conflitos e desentendimentos no relacionamento com a mãe

O relacionamento com a mãe também é qualificado como conflituoso e com desentendimentos, brigas e discussões. Esses conflitos têm tanto o sentido de disciplinar e corrigir, quanto de insultar e humilhar. A demarcação entre correção e humilhação é tênue, separar uma da outra é difícil ao longo das entrevistas, com isso os extremos (correção e humilhação) estão na mesma categoria temática. Emerge aqui, também, melhora progressiva no relacionamento, devido à diminuição dos conflitos e brigas ao longo do tempo.

*“Minha mãe brigava bastante, me insultava: ‘você não fez nada certo’.” (P11)*

*“Se preocupava com a gente, brigava com a gente.” (P15)*

### Atividades agradáveis realizadas com a mãe

Na percepção dos participantes, as atividades junto com a mãe são agradáveis, dentre elas: conversar, fazer compras, viajar, cozinhar, e passear. Ao longo do tempo as atividades mudam, durante a infância dos entrevistados aparecem atividades como levar à escola e brincar; já na adolescência, aparece “o levar” ao shopping e às festas.

*“Vamos ao shopping, viajamos em família e cozinhamos no fim de semana.” (P7)*

*“Ela sempre tentou fazer o melhor, levava para a escola, sempre foi boa com os filhos.” (P9)*

### Descrição dos participantes avaliados como positivo no Índice de Déficit Relacional – Grupo 2

#### Relacionamento com os amigos

Descreveremos aqui a percepção dos participantes quanto os relacionamentos deles com os amigos em 2 grandes categorias: “Qualificação do relacionamento com os amigos” e “Atividades agradáveis com os amigos”. A primeira trata propriamente de como é o relacionamento com os amigos e a segunda descreve as atividades conjuntas.

## Qualificação do relacionamento com os amigos

A qualificação do relacionamento com os amigos, na percepção dos participantes, é feita em 2 subcategorias: “Grande proximidade com os amigos” e “Ausência ou resolução de conflitos com os amigos”

### Grande proximidade com os amigos

Na percepção dos participantes, o relacionamento com os amigos é qualificado como de grande proximidade e intimidade, “*como uma família*” (P14). Eles se ajudam mutuamente em qualquer tipo de problema, se importam uns com os outros e compartilham a vida. O relacionamento é caracterizado por sinceridade, respeito, confiança e cumplicidade.

*[No relacionamento com os amigos há] “cumplicidade, respeito, entender o outro, conversa muito, e sai pouco, fala sobre coisas íntimas, fala sobre problemas de relacionamentos, tudo que o outro esteja passando.”* (P13)

### Ausência ou resolução de conflitos com os amigos

O relacionamento com os amigos também é qualificado como ausente de conflito ou problema. Brigas eventuais duram pouco, e os problemas são resolvidos facilmente.

*“[...] resolvo bem os problemas que aparecem.”* (P16)

*“As brigas não duram muito.”* (P17)

### Atividades agradáveis com os amigos

Atividades agradáveis com os amigos é outro tema que emerge entre os entrevistados. Eles costumam se reunir em casa para comer, se divertir, conversar e fazer

brincadeiras um com o outro; ou sair para igreja, praia, restaurante, pizzaria, lanchonete, bar e danceteria.

*“Saio para conversar e dar apoio, [nós] vamos juntos para a igreja, viajar, sair para bares, boates, paróquia e para a praia.” (P16)*

*“Saímos para bares, para lancha, ficamos zoando um com o outro, fazendo brincadeiras.” (P17)*

## Relacionamento com os irmãos

O relacionamento dos participantes com os irmão é descrito em 2 grandes categorias: “Afetividade no relacionamento com os irmãos” e “Melhora no relacionamento com os irmãos com o tempo”.

### Afetividade no relacionamento com os irmãos

Na percepção dos participantes há afetividade entre ele e os irmãos, pode haver ou não amizade e intimidade, mas carinho e afeto são marcantes nesse tema. Os entrevistados compartilham com seus irmãos atividades em comum, como tarefas domésticas, viagens e conversas superficiais, mas muita proximidade.

*“Hoje conversa sobre muitos assuntos e brinca no nosso círculo de amizades, que é muito parecido.” (P17)*

*“[com minha irmã mais nova] é só conversa bestas sobre colégio e amigas. [Nosso relacionamento é] muito tranquilo, de muito afeto com ela.” (P8)*

*“A gente passa tempo vendo televisão e viajando com nossos pais. A gente conversa nas refeições sobre o cotidiano e o futuro dela.” (P7)*

### Melhora no relacionamento com os irmãos com o tempo



Esta categoria temática assemelha-se à categoria de mesmo nome do Grupo 1, pois os 2 participantes AHS não contribuíram com suas falas para esta categoria, apenas os 6 participantes BHS. Na percepção dos entrevistados, durante a infância havia muitos conflitos com irmãos, porém ao longo do tempo o relacionamento marcado por brigas e desentendimentos melhorava. Essa melhora caracteriza-se tanto pela ausência das brigas devido ao natural distanciamento dos irmãos, como pelo aumento da afetividade, descritos anteriormente.

*“Meu irmão foi crescendo e foi ficando melhor o relacionamento com ele” (P13)*

*“Nunca tive um relacionamento próximo, ultimamente a gente tem se aproximado mais, cozinhado junto, passando tempo dentro de casa” (P2)*

*“Quando a gente era criança a gente brigava muito, eles eram mais velhos, mas eu encarava eles. Atualmente, com minhas irmãs, é muito bom, a gente sempre tá conversando, se encontrando.” (P14)*

## Relacionamento com o pai

Aqui no Grupo 2 o relacionamento com o pai também é descrito em 2 grandes categorias: “Qualificação no relacionamento com o pai” e “Atividades agradáveis realizadas com o pai”. No primeiro tema, “Qualificação no relacionamento com o pai”, são descritas as maneiras como o participante qualifica os relacionamentos com o pai; no segundo tema, descrevem-se as atividades agradáveis com o pai.

### Qualificação do relacionamento com o pai

A qualificação do relacionamento com o pai é feita em 3 subcategorias: “Intimidade no relacionamento com o pai” e “Distanciamento no relacionamento com o pai” e “Conflito e desrespeito no relacionamento com o pai”.

## Intimidade no relacionamento com o pai

Na percepção dos participantes, o relacionamento com o pai é qualificado como de intimidade, respeito, cumplicidade, e ajuda mútua.

*“Relacionamento com meu pai é de cumplicidade, bem aberto, ele me ouve, é atencioso. Eu posso contar com ele e sei que ele também conta comigo. Qualquer coisa que eu precisar, ele está aberto, e é recíproco da minha parte.” (P16)*

*“Muito respeito. Ele me ouve, faz muita coisa por mim. Me apoia e conversa comigo.” (P17)*

## Distanciamento no relacionamento com o pai e Conflito e desrespeito no relacionamento com o pai

Essas categorias temáticas são idênticas às categorias de mesmo nome do Grupo 1, pois os 2 participantes AHS não contribuíram com suas falas para esta categoria, apenas os 6 participantes BHS.

## Atividades agradáveis com o pai

Na percepção dos participantes, são diversas as atividades com o pai, como conversar, assistir televisão, ciclismo, caminhada e vôlei, sair à noite, ir à praia, passear e viajar.

*“A gente almoça junto, assiste TV, sai à noite, viaja, tem muitos momentos em família.” (P16)*

## Relacionamento com a mãe

O relacionamento com a mãe é descrito aqui em três grandes categorias: “Afeto e proximidade no relacionamento com a mãe”, “Desentendimento e respeito no relacionamento com a mãe” e “Atividades agradáveis com a mãe”.

### Afeto e proximidade no relacionamento com a mãe

O relacionamento com a mãe é qualificado como tendo afeto, carinho, harmonia, amizade e brincadeiras. Pode haver muita ou pouca intimidade, mas sempre presente. A atividade de conversar é vista como o motivo para aproximação e afeto.

*“Tenho muita amizade, de carinho. Ela é muito brincalhona. Ela também me apoia.”*

(P17)

### Desentendimento e respeito no relacionamento com a mãe

O relacionamento com a mãe também é qualificado como tendo desentendimentos e discussões. Esses não têm tanto o sentido de disciplinar e corrigir, insultar e humilhar da categoria de nome similar no Grupo 1. Nesta categoria a noção de desentendimentos vincula-se ao embate de ideias preservando a dignidade e o respeito sem que uma das partes se sinta ofendida ou humilhada. Além disso, esta categoria não contou com a contribuição dos participantes avaliados AHS.

*“Ela tem alguns pensamentos errados e eu puxo orelha dela. Pensamentos de preconceito nos relacionamentos”. (P13)*

### Atividades agradáveis com a mãe

Na percepção dos participantes, as atividades com a mãe são agradáveis, dentre elas conversar, fazer compras, viajar, cozinhar, e passear.

*“A gente conversa, vai ao supermercado, na casa de familiares, amigos íntimos, ao teatro, tudo que preciso de imediato é a ela que recorro.” (P16)*

### 3.2. Discussão: redução e interpretação

A redução e interpretação aqui produzidas visarão ao objetivo específico 5 (Comparar os resultados dos relatos entre os participantes avaliados como baixo escore em habilidades sociais e os participantes avaliados como positivos para o Índice de Déficit Relacional). Assim, não serão realizadas a redução e a interpretação de cada grupo isoladamente, mas apenas de um dos grupos comparado com o outro.

De maneira geral, tanto para Demanda Social, quanto para relacionamento interpessoal, verifica-se que todas as categorias temáticas presentes no Grupo 2 também estão presentes no Grupo 1. Normalmente no grupo 1 as categorias são mais ricas em detalhes nas suas descrições. Isso pode ser devido ao Grupo 1 possuir 7 participantes a mais do que o Grupo 2. Assim, será feita redução e interpretação do Grupo 1 para posterior comparação com o grupo 2.

#### 3.2.1. Demanda social

A demanda social, aqui estudada na forma do “aproveitar-se de mim”, no Grupo 1 é definida como o pedido de dinheiro e favores. Essa demanda é percebida de três formas: as pessoas se aproveitam do entrevistado; não se aproveitam; ou o entrevistado não sabe explicar como as pessoas se aproveitam.

Parece não haver coerência entre as três categorias, ou seja, há paradoxo no discurso desse tipo de participante, ora assumindo que as pessoas se aproveitam dele, ora negando tal afirmação, e ora apontando desconhecimento na forma que esta demanda social se concretiza. Uma hipótese é que isto aponta para 3 subgrupos distintos dentro do Grupo 1 com habilidades diferentes para discriminar as demandas sociais: no primeiro, as pessoas se aproveitam do entrevistado e ele sabe explicar; no segundo as pessoas não se aproveitam; e no terceiro, as pessoas se aproveitam, mas o entrevistado não sabe explicar.

Outra hipótese é a de tal paradoxo indicar percepções situacionais diferentes. Em determinadas situações há a percepção de que as pessoas se aproveitam, já em outras, não há. Nas situações em que há a percepção de que as pessoas se aproveitam pode, ora o participante saber explicar, ora não.

As formas com que os participantes do Grupo 1 lidam com a demanda social são: 1) negar os pedidos, 2) se afastar das pessoas, e 3) ter dificuldade para negar pedidos. À primeira vista, podemos considerar que o grupo é composto por subgrupos diferentes com pessoas socialmente competentes (primeiro tema) e não competentes (segundo e terceiro temas). Podemos entender que o IHS não mediu corretamente as HS, resultando mistura discrepante de grupos mais habilidosos com menos habilidosos.

Todavia, os dados podem ser interpretados de outra forma, entendendo que o IHS mediu corretamente as HS; assim, temos um grupo homogêneo composto por pessoas com baixas Habilidades Sociais. Nessa segunda hipótese, a segunda categoria se mostra coerente com as outras duas e pode coexistir com ambas.

Por outro lado, a primeira e a terceira categorias podem parecer paradoxais. Mas, se considerarmos que cada uma pode aparecer em contextos diferentes, essas se tornam mais coerentes para um grupo de pessoas BHS.

Além disso, se considerarmos que a habilidade para discriminar pedidos é necessária para lidar com as demandas sociais, podemos supor que a primeira categoria (saber negar os pedidos) vincula-se à falta de percepção que as pessoas se aproveitam do entrevistado. Isso gera falsa percepção nele: a de que ele tem habilidade suficiente para negar pedidos. De outra forma, podemos dizer que as pessoas se aproveitam do entrevistado sem ele perceber, e ele não nega os pedidos por justamente não perceber que se aproveitam dele. Por outro lado,

quando percebe que as pessoas tentam se aproveitar, nega com facilidade o pedido, porque provavelmente se tornou, perceptivelmente, abusivo.

Por outro lado, há situações em que o entrevistado percebe sua dificuldade de negar pedidos, apesar de discriminar a tentativa (e o sucesso) das pessoas de se aproveitar dele. A percepção da dificuldade de negar os pedidos já indica que o participante percebe suas limitações em lidar com a demanda social, confirmando a hipótese de que o grupo é formado por pessoas BHS.

Conclui-se que BHS que afirmam negar pedidos, necessariamente não são socialmente competentes, mas podem apresentar dificuldade em perceber suas limitações. Em contrapartida, pessoas do Grupo 1 que percebem suas limitações apresentam-se mais claramente BHS, diferentemente dos que não percebem suas limitações na forma de lidar com as demandas sociais.

Comparando o Grupo 2 com o 1, aquele se diferencia deste por não apresentar a categoria “As pessoas não se aproveitam de mim”, presente apenas no Grupo 1. Uma interpretação provável é de que há pequena diferença entre os grupos, já que tal categoria falta no Grupo 2. Portanto, podemos dizer que o Grupo 2 tem percepção mais apurada das demandas sociais em relação ao Grupo 1, apesar de existirem para ambos os grupos, sendo percebidas de modos diferentes.

Ademais, a categoria “Eu me afasto” teve contribuições apenas de pessoas BHS, não de participantes AHS. Isso indica não ser essa uma forma de lidar com a demanda social para os AHS, que a enfrentam negando o pedido (ou se esforçando para negá-lo).

Os dados até aqui apresentam indícios de que os grupos aproximam-se quanto à forma de lidar com as demandas sociais, indicando assim associação qualitativa entre Déficit Relacional e Baixas Habilidades Sociais.

### 3.2.2. Relacionamento interpessoal

#### Relacionamento com os amigos

O Grupo 1 apresenta 3 categorias temáticas para falar da qualidade do relacionamento com os amigos: muita proximidade, pouca e ausência de conflitos nas relações com os amigos. A terceira categoria aparentemente é coerente com as outras duas, já que é possível ter poucos conflitos tanto com amizades próximas quanto com as mais distantes.

Todavia, as duas primeiras categorias parecem ser contraditórias, já que a primeira é marcada por se sentir mais à vontade para tratar de assuntos íntimos e com mais facilidade. Mas na verdade há subgrupos dentro do Grupo 1 de pessoas mais e menos próximas aos amigos, e ao mesmo tempo suas amizades, que se diferenciam em grupo de amigos mais próximos e mais distantes.

Com isso, ora o entrevistado fala de grupos de amigos mais próximos e outros mais distantes, ora fala de si mais distante (ou mais próximo) dos amigos do que outros do Grupo 1. Isso confirma a sugestão de BHS normalmente mais distantes do que AHS. Por outro lado, não exclui a possibilidade de maior ou menor proximidade em relacionamentos com amigos, mesmo para BHS. Parece haver progressividade no grupo BHS, com alguns mais à vontade para tratar de assuntos íntimos e com mais facilidade do que outros.

A qualificação do relacionamento com os amigos se diferencia no Grupo 2 com a ausência da categoria “Pouca proximidade com os amigos”. Podemos inferir que as pessoas do Grupo 2 são mais próximas dos amigos do que as do Grupo 1. Isto não exclui a possibilidade de associação entre Habilidades Sociais e Déficit Relacional, já que as outras categorias aproximam-se em suas descrições, até nos relatos de atividades agradáveis com os amigos.

## Relacionamento com os irmãos

No Grupo 1, a qualificação do relacionamento com os irmãos é dividida entre passado e presente. No passado havia conflitos e afetividade; no presente há distanciamento e também afetividade. O passado refere-se à infância e adolescência, quando a ambivalência acordo-desacordo é vista com normalidade, principalmente entre meninos. Já na atualidade, os relacionamentos são vistos com diferença entre cada um dos irmãos, com alguns há afetividade com outros há distanciamento.

A categoria “Melhora no relacionamento com os irmãos com o tempo” resume o desenrolar das relações entre irmãos. Em alguns casos as brigas entre irmãos acabam, em outros aumenta a afetividade, e em uma terceira possibilidade ambos ocorrem. De qualquer forma, o distanciamento atual no relacionamento com os irmãos não foi descrito como algo ruim ou desagradável. Portanto, pode haver correlação entre o aumento da distância entre irmãos e a melhora no relacionamento, principalmente nos relacionamentos marcados por muitos conflitos na infância e adolescência.

O relacionamento com os irmãos, com o tempo, melhora mais do que com as irmãs. Na visão das participantes, as irmãs se dão melhor entre si (relacionamento irmã-irmã) do que com os irmãos (irmã-irmão), e, pela visão masculina, os irmãos se dão melhor com as irmãs do que entre si. Assim, podemos criar uma gradação entre os relacionamentos do melhor para o pior: irmã-irmã / irmã-irmão / irmão-irmão.

As categorias “Conflitos no relacionamento com os irmãos no passado”, “Distanciamento no relacionamento atual com os irmãos” e “Melhor relacionamento com a irmã do que com o irmão” são descritas apenas para o Grupo 1, não aparecem para o Grupo 2. Os dados apontam então que avaliados positivos têm menos conflitos e distanciamento dos irmãos se comparados a BHS. Ademais, parece inexistir diferenciação entre



relacionamentos irmã-irmã, irmã-irmão ou irmão-irmão. Essas diferenças intergrupais não excluem associação entre Déficit Relacional e baixas Habilidades Sociais, pois não há diferença gênero significativa para o Método de Rorschach. Mas requerem investigação aprofundada, já que é relevante nas avaliações com o uso do IHS.

### Relacionamento com o pai

A qualificação do relacionamento com o pai é marcado por intimidade, distanciamento, conflito e desrespeito, tanto para o Grupo 1 quanto para o 2. O relacionamento com o pai parece estar qualificado de maneira ambivalente, algumas situações com intimidade, outras com distanciamento ou conflitos. Em ambos os grupos também há a presença da categoria “Atividades agradáveis realizadas com o pai”.

O que chama a atenção na comparação entre os grupos é a ausência de contribuições dos participantes AHS e positivos para o CDI na descrição das categorias “Distanciamento no relacionamento com o pai” e “Conflito e desrespeito no relacionamento com o pai”. Os dados apontam que AHS, por mais que apresentem dificuldades para lidar com as demandas sociais, não apresentam distanciamento, conflitos ou desrespeito no relacionamento com o pai.

### Relacionamento com a mãe

A qualificação do relacionamento com a mãe no Grupo 1 é caracterizada por afeto, proximidade, respeito, conflito e desentendimento. Da mesma forma que acontece no relacionamento com os irmãos e com os pais, o relacionamento com a mãe é marcado por ambivalências em que percepções contraditórias convivem no mesmo discurso. Essas ambivalências parecem situacionais, assim como nos outros casos em que ora há afeto e proximidade, ora conflito e desentendimento.

O Grupo 2 apresenta todas as categorias temáticas do Grupo 1, exceto “Respeito no relacionamento com a mãe” e “Conflitos e desentendimentos no relacionamento com a mãe”. Diferente das outras descrições de relacionamento, com a mãe, o Grupo 2 apresenta categoria ausente no Grupo 1: Desentendimento e respeito no relacionamento com a mãe. Parece que esta categoria substitui as duas categorias ausentes de maneira diferenciada, a ponto de se tornar nova categoria. Neste caso, na comparação dos grupos, fica evidente que os conflitos e humilhações presentes no Grupo 1 não aparecem no 2, apesar de neste haver desentendimentos.

Esses dados indicam ao mesmo tempo aproximação e diferenciação entre os grupos, de tal forma que não excluem a possibilidade de associação entre Déficit Relacional e baixas Habilidades Sociais, porém marca a possibilidade de haver mais falsos negativos entre os avaliados do que se imaginava.

### Visão geral dos Relacionamentos Interpessoais entre os grupos

De maneira geral, os grupos têm poucas diferenças entre eles, a saber: 1) as pessoas do Grupo 2 são mais próximas dos amigos do que as do 1; 2) avaliados positivos apresentam menos conflitos e distanciamento dos irmãos se comparados com BHS; 3) O Grupo 1 distingue relacionamento com irmão e irmã; 4) quanto ao relacionamento com a mãe, conflitos e humilhações presentes no Grupo 1 não aparecem no 2.

A descrição de Relacionamento Interpessoal é muito maior do que a descrição de Demanda Social para ambos os grupos, ao envolver amigos e familiares (irmãos, pai e mãe), em momentos diferentes (passado e atual), gerando número maior de categorias. Logo, o número de categorias que aparecem para o Grupo 1 e não no Grupo 2 também é maior na comparação entre Relacionamento Interpessoal e Demanda Social. Apesar das diferenças já

citadas, os resultados apontam mais para uma associação qualitativa descritiva entre Déficit Relacional e Baixas Habilidades Sociais, do que para exclusão dessa hipótese.

### 3.3. Resultados e discussão: estatística inferencial

Para atender aos resultados dos objetivos específicos 6 e 7, apresentam-se resultados de correlações significativas entre dados objetivos da entrevista qualitativa e o Inventário de Habilidades Sociais, juntamente com seus respectivos resultados em estatística descritiva. Não serão apresentados resultados de estatística descritiva sem resultados significativos concomitantes para estatística inferencial.

Não foram encontradas correlações significativas entre as medidas do CDI e dados de variáveis independentes. Isto nos permite dizer inexistirem provas contra a afirmação de que há associações significativas entre as medidas do CDI (CDI escalar e CDI) e dados objetivos da entrevista qualitativa.

#### 3.3.1. Facilidade para fazer amigos e Habilidades Sociais

Foram encontradas associações positivas significativas entre pessoas avaliadas pelo IHS e suas percepções sobre a facilidade para fazer amigos. As avaliadas como alto escore em HS foram associadas positivamente com o relato de ter ‘muita facilidade’ em fazer amigos e ‘muito mais facilidade que a maioria’. Houve associações positivas também entre avaliadas como baixo escore em HS e ‘não tem facilidade’ para fazer amigos, ‘muito pouca facilidade’ e ‘um pouco de facilidade’. A Tabela 10 explicita as frequências entre as categorias da variável “Facilidade de fazer amigos” e as faixas avaliadas pelo IHS (Alto e Baixo).

Tabela 10

Frequência entre os participantes avaliados como Baixo e Alto no IHS e as percepções deles sobre a Facilidade para fazer amigos.

Facilidade para fazer amigos	IHS	
	Baixo	Alto
Não tem facilidade	1	0
Muito pouca facilidade	4	1
Um pouco de facilidade	5	0
Muita facilidade	3	7
Muito mais facilidade que a maioria	1	4

Os participantes avaliados como baixo escore em HS relataram, em sua maioria, não terem muita facilidade para fazer amigos, pois 90,9% dos que se descrevem como “não tem facilidade” para fazer amigos, “muito pouca facilidade” e “um pouco de facilidade” são baixo escore em HS. A seu turno, os participantes com alto escore em Habilidades Sociais narraram mais facilidade para fazer amigos do que os avaliados como baixo, já que dos casos que relatam ‘muita facilidade (para fazer amigos)’ e ‘muito mais facilidade que a maioria’ 73,3% é alto escore em HS. As associações apontadas pela Tabela 10 se confirmam na Tabela 11, com o agrupamento das categorias, na qual é possível observar mais claramente a maior porcentagem de pessoas na categoria Baixo do IHS (90,9%) do que na categoria Alto (9,1%) que relataram ‘não tem facilidade’ para fazer amigos, ‘muito pouca facilidade’ e ‘um pouco de facilidade’; da mesma forma, a porcentagem de pessoas na categoria Alto (73,3%) ultrapassa a categoria Baixo (26,7%) para pessoas que relataram ‘muita facilidade (para fazer amigos)’ e ‘muito mais facilidade que a maioria’. A Tabela a seguir confirma os dados anteriores:

Tabela 11

Porcentagem entre os participantes avaliados como Baixo e Alto no IHS e as percepções deles sobre a Facilidade para fazer amigos

Facilidade para fazer amigos	IHS		
	Baixo	Alto	Total
“Não tem facilidade” ou “Muito pouca facilidade” ou “Um pouco de facilidade”	90,90%	9,10%	100%
“Muita facilidade” ou “Muito mais facilidade que a maioria”	26,70%	73,30%	100%

### 3.3.2. Demanda social e Habilidades Sociais

Foi observada associação positiva significativa entre o relato de quanto as pessoas se aproveitam do participante e o IHS Faixa. Avaliados como AHS estão associados positivamente com o relato de que as pessoas “Não” se aproveitam dele ou se aproveitam “Muito Pouco”.

Tabela 12

Distribuição, em tabela de contingência, dos participantes quanto à frequência e porcentagem da frequência, segundo o IHS Faixa e o relato dos participantes sobre o quanto as pessoas se aproveitam deles.

Quanto as pessoas se aproveitam do participante		IHS Faixa	
		Baixo	Alto
Não ou muito pouco	Frequência	12	5
	Porcentagem	85,7%	41,1%
Um pouco ou Muito	Frequência	2	7
	Porcentagem	14,3%	58,3%
Total	Frequência	19	12
	Porcentagem	100%	100%

Sete (58,3%) dos 12 participantes avaliados como altos em HS relataram que as pessoas se aproveitam “Um pouco” ou “Muito” deles. Por outro lado, participantes que relataram que as pessoas “Não” se aproveitam deles ou se aproveitam “Muito pouco” deles são 12 (85,7%) entre 19 avaliados como baixo em HS.

À primeira vista o dado parece contraditório; todavia, a frequência com que as pessoas tentam se aproveitar de alguém depende da percepção do observador, tornando o dado compreensivo. Nesse caso, entendemos que os BHS, em sua maioria, possuem dificuldade para distinguir situações em que as pessoas se aproveitam deles de situações em que tal não ocorre. Em contrapartida, AHS possuem habilidade maior de discriminação de contextos em que as pessoas tentam se aproveitar delas.

### 3.3.3. Relacionamento com os irmãos no passado e Habilidades Sociais

O relacionamento passado com os irmãos teve associações significativas com o IHS Faixa. A categoria Baixo do IHS se associou positivamente com ‘ruim’, ‘regular’ e ‘bom’ para a qualificação do relacionamento passado com os irmãos. Já a categoria Alto se associou positivamente ao relato de ‘muito bom’ e ‘ótimo’ para o relacionamento passado com os irmãos. A maior parte das pessoas AHS (70%) relatou que o relacionamento passado com os irmãos ‘muito bom’ ou ‘ótimo’; por outro lado, apenas 16,7% BHS relataram o mesmo. Quanto ao relato de ‘ruim’, ‘regular’ e ‘bom’ para a qualificação do relacionamento passado com os irmãos, este foi feito por 83,3% dos BHS; por outro lado, dos AHS apenas 30% fazem o mesmo relato.

Tabela 13

Distribuição, em tabela de contingência, dos participantes quanto à frequência e à porcentagem da frequência, segundo o IHS Faixa e o relato do relacionamento passado com os irmãos<sup>7</sup>.

Relacionamento com os irmãos no passado		IHS Faixa	
		Baixo	Alto
Ruim	Frequência	2	1
	Porcentagem	16,7%	10,0%
Regular	Frequência	1	0
	Porcentagem	8,3%	0%
Bom	Frequência	7	2
	Porcentagem	58,3%	20,0%
Muito Bom	Frequência	2	2
	Porcentagem	16,7%	20,0%
Ótimo	Frequência	0	5
	Porcentagem	0%	50,0%
Total	Frequência	12	10
	Porcentagem	100%	100%

#### 3.3.4. Relacionamento atual com a mãe e Habilidades Sociais

O relacionamento atual com a mãe teve associações significativas com o IHS Faixa. 64,3% dos avaliados BHS relataram relacionamento atual “Regular” ou “Bom” com a mãe; já entre os avaliados AHS, apenas 16,7% fizeram o mesmo relato. Por outro lado, o relato de relacionamento “Ótimo” ou “Muito Bom” atualmente com a mãe foi feito por 83,3% dos avaliados como AHS, em contraste de 35,7% dos participantes BHS.

<sup>7</sup> Foram consideradas apenas as respostas válidas, com isso os participantes que não responderam a questão não foram incluídos nesta análise.

Tabela 14

Distribuição, em tabela de contingência, dos participantes quanto à frequência e à porcentagem da frequência, segundo o IHS Faixa e o relato do relacionamento atual com a mãe.

Relacionamento Mãe Atual		IHS Faixa	
		Baixo	Alto
Regular ou Bom	Frequência	9	2
	Porcentagem	64,3%	16,7%
Ótimo ou Muito Bom	Frequência	5	10
	Porcentagem	35,7%	83,3%
Total	Frequência	14	12
	Porcentagem	100%	100%

#### 4. Conclusões prévias

Os resultados estatísticos apontam que, comparando pessoas BHS e AHS, as BHS têm mais dificuldade para fazer amigos, mais dificuldade para perceber que as pessoas se aproveitam dela, piores relacionamentos com os irmãos no passado e com a mãe no presente. Em contrapartida, AHS têm mais facilidade para fazer amigos, mais facilidade para perceber que as pessoas se aproveitam dela, melhores relacionamentos com os irmãos no passado e com a mãe no presente. Portanto, podemos inferir que BHS têm dificuldades para lidar com demandas sociais, pois apresentam relacionamentos interpessoais piores com irmãos e mãe, dificuldades para perceber que as pessoas se aproveitam dela e dificuldade para fazer amigos.

De maneira geral, estes resultados confirmam pesquisas anteriores apontando associações entre pessoas avaliadas como tendo mais recursos em habilidades sociais e número menor de conflitos em seus relacionamentos interpessoais, da mesma forma que pessoas com déficit de Habilidades Sociais apresentaram dificuldade maior para lidar com problemas de relacionamento.



Ademais, os resultados confirmam a validade do IHS para mensuração de Habilidades Sociais, já que os relatos objetivos se correlacionam com medida ordinal do IHS, ao mesmo tempo em que não excluem a possibilidade de agressividade em pessoas AHS. Isso se mostra fundamental para a confiabilidade dos resultados apontando para associação entre déficit de Habilidades Sociais e Déficit Relacional, já que há entre CDI e IHS sinais de associação. Portanto, os resultados confirmam a validade do uso do Método de Rorschach para a avaliação das relações interpessoais

## 5. Referências

Abaixo estão listadas todas as referências utilizadas ao longo do Estudo 3.

- Balbi Neto, R. R. Q., Nadai, K. N. G. & Jardim, A. P. (2009). *Avaliando Agressividade e Passividade no Inventário de Habilidades Sociais*. Trabalho completo apresentado no I Congresso Brasileiro de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal, Vitória.
- Caballo, V. E. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo: Santos.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto*. 2ªed. Porto Alegre: Artmed.
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006) *Estatística sem Matemática para Psicologia: Usando SPSS para Windows*. (3. ed) Porto Alegre: Artmed.
- Gomes, W. B. (1997). A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psico-USP[on line]*, 8 (2), 305-336.
- Gomes, W. B. (org.). (1998). *Fenomenologia e Pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Lanigan, R. (1997). Capta versus data: método e evidência em comunicologia. (Trad. C. H. Kristensen) *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10, 17-45.
- Pereira, J. C. R. (1999). *Análise de dados qualitativos: estratégias para as ciências da saúde, humanas e sociais*. São Paulo: FAPESP & EDUSP.
- Pestana, M.; Gageiro, J. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Souza, M. L., & Gomes, W. B. (2003). Evidência e interpretação em pesquisa: as relações entre qualidades e quantidades. *Psicologia em Estudo*, 8, 83-92.

## V. COMENTÁRIOS FINAIS

### 1. Integração de dados e limitações da pesquisa

Os resultados dos Estudos 2 e 3 sugerem associação entre Déficit Relacional e Habilidades Sociais, já que há indícios de correlações entre participantes positivos para o CDI e Baixo em Habilidades Sociais. Lembremo-nos das limitações desta pesquisa, que tratou apenas de pessoas com escolaridade superior incompleta. A porcentagem de participantes positivos não passou de 30%, representando 25% menos do que o esperado, já que as normas de referência para o Brasil apontam 55% da população com CDI positivo.

Supúnhamos CDI correlacionado a escolaridade, verificando assim suas associações. Os resultados indicaram que são significativas e positivas. 75% dos avaliados como positivos têm menos de 12 anos de escolaridade, em oposição a 72,2% de avaliados como negativos com mais de 12 anos de escolaridade. Inferimos que quanto menor a escolaridade, maior a probabilidade de ser positivo para o CDI.

Considerando os resultados de metanálise do Estudo 1, que aponta 38,71% como a média mundial de pessoas positivas para o CDI, podemos dizer que a amostra desta pesquisa tem porcentagem coerente com o restante dos países estudados. Com isso, podemos afirmar que os dados apontam validade do CDI para populações de escolaridade superior ou superior incompleto. Todavia, nada podemos afirmar quanto a outras populações.

### 2. Outras limitações

Inicialmente, selecionaram-se universitários de diferentes cursos com até 25 anos de idade. Todavia, devido à dificuldade de encontrar participantes femininos com baixos escores em HS, foram convidadas três pessoas com idade acima de 25 anos (entre 36 e 44) para participar da pesquisa (P14, P15 e P27). Portanto, faltam participantes entre 26 e 35

anos de idade, fazendo a faixa etária da pesquisa saltar de “18 a 25 anos” para a faixa “36 a 45 anos”.

O IHS foi aplicado cerca de seis meses antes da aplicação do Rorschach; supõe-se que a aplicação com datas mais próximas do instrumento psicométrico e do Rorschach poderia aumentar as correlações estatísticas entre as medidas estudadas. Tem-se como hipótese que a variável “período de tempo entre as aplicação dos instrumentos” pode ter reduzido a correlação entre as variáveis aqui estudadas.

A exclusão da análise sobre como os participantes lidam com figuras de autoridade ocorreu, pois os relatos foram todos muito semelhantes e sempre “politicamente corretos”, não diferenciando os grupos de participantes. Portanto, entendemos que os dados não eram relevantes para esta pesquisa.

### 3. Outros comentários

Conforme descrito no Estudo 1, além do CDI, há outros indicadores para avaliação de Relacionamento Interpessoal no Método de Rorschach, entre eles  $p>a+1$ . Outras análises de correlação realizadas com os dados coletados nesta pesquisa entre  $p>a+1$  e medidas do IHS foram feitas, e os resultados apontaram correlações ( $p \leq 0,05$ ) entre o Fator 1 e 5 do IHS e o referido índice do MR. Isto reafirma a validade do uso do Método de Rorschach na avaliação das relações interpessoais.

## VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abaixo estão listadas todas as referências utilizadas ao longo de toda a dissertação.

- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Anzieu, D. (1986). *Os Métodos Projetivos*. 5ª ed, São Paulo: Campus.
- Balbi Neto, R. R. Q., Rafalski, J. C., Vieira, J. B. & Garcia, A. (2009). *Traços de personalidade Extroversão e Habilidades Sociais em universitários*. Trabalho completo apresentado no I Congresso Brasileiro de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal, Vitória.
- Balbi Neto, R. R. Q., Nadai, K. N. G. & Jardim, A. P. (2009). *Avaliando Agressividade e Passividade no Inventário de Habilidades Sociais*. Trabalho completo apresentado no I Congresso Brasileiro de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal, Vitória.
- Berant, E. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 150 adult nonpatients from Israel. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S67-73.
- Caballo, V. E. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo: Santos.
- Campo, V. & Vilar, N. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 517 adults from Spain (Barcelona). *Journal of personality assessment*, 89 (1), S149-S153.
- Carvalho, L. B. C., Lopes, E. A., Silva, L., Almeida, M. M., Silva, T. A., Neves, A. C., et al. (2003). Personality features in a sample of psychophysiological insomnia patients. *Arquivos de neuro-psiquiatria*, 61 (3A), 588-590.
- Conselho Federal de Psicologia - CFP (2001). Resolução n.º25/2001. Disponível: [http://www.pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao2001\\_25.pdf](http://www.pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao2001_25.pdf). Acessado em: 25/03/2009.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto*. 2ªed. Porto Alegre: Artmed.
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006) *Estatística sem Matemática para Psicologia: Usando SPSS para Windows*. (3. ed) Porto Alegre: Artmed.
- Daroglou, S. & Viglione, D.J. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 98 adult nonpatients from Greece. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S61-S66.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2001a). *Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette)*: Manual de aplicação, apuração e interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Del Prette, A. & Del Prette Z. A. P. (2001b). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Di Nuovo, S.F., Buono, S., Colucci, G., Pellicciotta, A. (2004). Psychopathology and mental retardation: a study using the Rorschach Inkblot Test. *Psychological reports*, 94 (3 Pt 2), 1313-21.

- Dumitrascu, N. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 111 adult nonpatients from Romania. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S142-S148.
- Exner, J. E. (1999). *Manual de classificação do Rorschach para o sistema compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Exner, J. E. & Sendín, C. (1999). *Manual de interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Exner, J. E. (2007). A new U.S. adult nonpatient sample. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S154-S158.
- Fioroni, L. N. & Figueiredo, M. A. de C. (2003). Avaliação da técnica projetiva de Rorschach em portadores do HIV. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 13 (26), 197-207.
- Fujita, M. S. L. (2004). A representação documentária de artigos científicos em educação especial: orientação aos autores para determinação de palavras chave. *Revista brasileira de educação especial* 10 (3), 257-272.
- Frasson, L. M. M. & Souza, M. A. (2002). Estudo qualitativo da personalidade do motorista infrator através do Rorschach e EDAO. *Boletim de psicologia*, 52 (117), 141-157.
- Gomes, W. B. (1997). A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psico-USP[on line]*, 8 (2), 305-336.
- Gomes, W. B. (org.). (1998). *Fenomenologia e Pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grava, G., Ceroni, G. B., Rucci, P., Scudellari P. (2006). Suicidal behaviors and personality structure. *Suicide Life Threat Behav*, 36 (5), 569-577.
- Greenway, P., Milne, L. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 128 adult nonpatients from Australia. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S20-5.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2009). *Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro.
- Ivanouw, J. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 141 adult nonpatients from Denmark. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S42-51.
- Lanigan, R. (1997). Capta versus data: método e evidência em comunicologia. (Trad. C. H. Kristensen) *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10, 17-45.
- Lis, A., Parolin, L., Salcuni, S., Zennaro, A. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 249 adult nonpatients from Italy. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S80-84.
- Lis, A., Salcuni, S., Parolin, L. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 116 preadolescent and 117 adolescent nonpatients from Italy. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S91-96.
- Lunazzi, H. A., Urrutia, M. I., de la Fuente, M. G., Elias, D., Fernandez, F., de la Fuente, S. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 506 adult nonpatients from Argentina. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S7-S12.

- Mattlar, C. E., Forsander, C., Carlsson, A., Norrlund, L., Vesala, P., Leppanen, T., Oist, A.S., Maki, J., Alanen, E. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 343 adults from Finland. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S57-60.
- Meyer, G. J., Erdberg, P., Shaffer, T.W. (2007). Toward international normative reference data for the comprehensive system. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S201-S216.
- Mormont, C., Thommessen, M., Kever, C. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 100 adult nonpatients from the Belgian French-speaking community. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S26-34.
- Nakamura, N., Fuchigami, Y., Tsugawa, R. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 240 adult nonpatients from Japan. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S97-102.
- Nascimento, R.S.G.F. do (2002). Resultados de Estudo Normativo para o Sistema Compreensivo do Rorschach: um estudo para a cidade de São Paulo. *Psico-USF*, 7 (2), 121-135.
- Nascimento, R.S.G.F. do (2006). Estudo normativo do Sistema Compreensivo do Rorschach para São Paulo: resultados dos índices PTI, SCZI, DEPI, CDI, HVI, OBS e S-CON. *Avaliação psicológica*. 5 (1), 87-97.
- Nascimento, R.S.G.F. do (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a sample of 409 Adult Nonpatients from Brazil. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S35-41.
- Nascimento, R.S.G.F. do (2010). *Sistema Compreensivo do Rorschach: Teoria, pesquisa e normas para a população brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pasian, S. R. (2002). Atualizações sobre o psicodiagnóstico de Rorschach no Brasil: breve panorama histórico. *Psico USF*, 7 (1), 43-52.
- Pereira, J. C. R. (1999). *Análise de dados qualitativos: estratégias para as ciências da saúde, humanas e sociais*. São Paulo: FAPESP & EDUSP.
- Pertchik, K., Shaffer, T.W., Erdberg, P., Margolin, D. I. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 52 older adult nonpatients from the United States. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S166-73.
- Pires, A. A. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 309 adult nonpatients from Portugal. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S124-30.
- Pestana, M.; Gageiro, J. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Ráez, M. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 233 adult nonpatients from Peru. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S119-23.
- Rorschach, H. (1967). *Psicodiagnóstico*. (M. S. V. Amaral, trad.). São Paulo: Mestre Jou.
- Rossetto, M. A. C., Skawinski, L. S. R., Coelho, A. C. P., Rossetto Júnior, J. A., Bolla, K. (2000). Avaliação das características psicológicas dos estudantes de medicina por meio do método de Rorschach. *Psikhe*, 5 (2), 41-51.

- Ruiter, C. & Smid, W. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 108 normative subjects from The Netherlands. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S113-8.
- Sampaio, I. M., Rosa, C. R., Sabatini, A. A. Z. P. (1998). Instrução dirigida para execução de busca de dados psycLIT. *Cadernos de Psicologia*, 4 (1), 163-168.
- Santoantonio, J., Yazigi, L., Sato, E. (2004). Adolescentes com Lúpus Eritematoso Sistêmico: um estudo por meio do método de rorschach. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 20 (2),145-151.
- Sanz, I. A. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 90 adult nonpatients from Argentina. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S13-9.
- Shaffer, T.W., Erdberg, P., Haroian, J. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 283 adult nonpatients from the United States. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S159-65.
- Souza, M. L., & Gomes, W. B. (2003). Evidência e interpretação em pesquisa: as relações entre qualidades e quantidades. *Psicologia em Estudo*, 8, 83-92.
- Schiltz, L. (2008) Dégagement de profils spécifiques dans deux sous-groupes de personnes dépendantes. *Bull Soc Sci Med Grand Duche Luxemb, Spec No 1*, 75-90.
- Tibon, S. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 41 adult nonpatients from Israel. *Journal of personality assessment*, 89 (1), S74-9.
- Villemor-Amaral, A. E. de, Franco, R. R. C., Farah, F. H. Z. (2008). A psicopatologia fenômeno-estrutural e o Rorschach no transtorno de pânico. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 25 (1),141-150.
- Villemor-Amaral, A. E. de & Pasqualini-Casado, L. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *Psico-USF*, 11 (2), 185-193.
- Weiner, I. B. (2000). *Princípios da interpretação do Rorschach*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

## VII. APÊNDICE

## Apêndice 1. Roteiro de entrevista qualitativa

n°

**Instrução:**

O objetivo deste instrumento é obter um quadro abrangente de seus antecedentes. No trabalho científico, os registros são necessários, já que permitem uma conduta mais completa dos problemas de alguém. Responda cada pergunta o mais completa e precisamente que você puder. É compreensível que você fique preocupado com o que acontece com a informação sobre você, porque grande parte dela é altamente pessoal. Os registros são estritamente confidenciais e sigilosos. Nenhum estranho terá acesso ao seu registro, sem sua permissão. Se você não deseja responder alguma pergunta, simplesmente fale "Não quero responder", ou, se for o caso, "Não é importante".

Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Telefone(s) para contato: Fixo: \_\_\_\_\_ Cel: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Endereço: R./Av. \_\_\_\_\_ N \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_ Ocupação: \_\_\_\_\_

Curso/Período: \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_ Pub.(  ) Part.(  )Anos de escolaridade: (  ) menos de 12; (  ) 12 anos; (  ) 13 a 15 anos; (  ) 16 anos ou maisEstado civil: (  ) Solteiro; (  ) Namorando; (  ) Noivo; (  ) Casado; (  ) União estável/morando junto  
(  ) Casado de novo; (  ) Separado; (  ) Divorciado; (  ) Viúvo.Cor de pele: (  ) preta; (  ) branca; (  ) parda; (  ) amarela; (  ) indígena

Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/19\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_ Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Religião: \_\_\_\_\_

Com quem esta vivendo atualmente? (escreva o grau de parentesco ou amizade) \_\_\_\_\_

Você mora em casa, quarto de república, apartamento, etc? \_\_\_\_\_

Se casado/noivo/namorando, escreva **idade e ocupação** do (a) parceiro (a): \_\_\_\_\_

Descreva com suas palavras os três problemas que mais te incomodam hoje na sua vida:

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

3. \_\_\_\_\_

Faça um breve relato de como começou e como se desenvolveu cada um dos seus problemas (do início até agora).



Estime a severidade de seu maior problema de uma forma geral:

- ( ) - Levemente incomodo (não me atrapalha a estudar e/ou trabalhar)
- ( ) - Moderadamente severo (me atrapalha um pouco a estudar e/ou trabalhar)
- ( ) - Muito severo (me atrapalha a estudar e/ou trabalhar)
- ( ) - Extremamente severo (é muito difícil para mim estudar e/ou trabalhar)
- ( ) - Totalmente incapacitante (estudar e/ou trabalhar para mim é impossível atualmente)

Passou por acompanhamento psicológico/psiquiátrico anteriormente? ( ) Sim / ( ) Não - Com qual profissional se consultou previamente? \_\_\_\_\_

Possui alguma doença (ou transtorno) diagnosticado por um médico? ( ) Sim / ( ) Não

Qual? \_\_\_\_\_

Esta tomando algum remédio? ( ) Sim / ( ) Não - Caso "sim", qual remédio?

Como você lembra sua saúde durante a infância? \_\_\_\_\_

Como você lembra sua saúde durante a adolescência? \_\_\_\_\_

O que faz nos fins de semana e nos feriados?

Em que pensa na maior parte do seu tempo?

Faz amigos com facilidade?

- ( ) não tenho facilidade
- ( ) muito pouca facilidade
- ( ) um pouco de facilidade
- ( ) muita facilidade
- ( ) muito mais facilidade que a maioria das pessoas

Conserva-os?

- ( ) não ( ) muito pouco ( ) alguns ( ) muitos ( ) muito mais que a maioria das pessoas

Como classifica seu relacionamento com seus amigos?

- ( ) Ruim ( ) Regular ( ) Bom ( ) Muito bom ( ) Ótimo

Como você descreve o seu relacionamento com seus amigos? O que vocês fazem quando estão juntos?

Você acha que as pessoas de maneira geral se aproveitam de você?

- ( ) não ( ) muito pouco ( ) um pouco ( ) muito ( ) muito mais que a maioria das pessoas

Como as pessoas se aproveitam de você, fazendo pedidos que você não gostaria de atender?

Como você tem se comportado para evitar que as pessoas se aproveitem de você? O que você faz para evitar os pedidos? Como você age?

História Conjugal – para pessoas em união estável

Como foi conhecer seu cônjuge antes de comprometer-se? \_\_\_\_\_

Como é a sua relação com seu cônjuge, como é a atitude dele em relação a você (passada e atual):

Em que áreas há compatibilidade? \_\_\_\_\_

Em que áreas há incompatibilidade? \_\_\_\_\_

#### Dados Familiares

Pai: ( ) Vivo ou ( ) Falecido: Causa do falecimento: \_\_\_\_\_

Sua idade quando seu pai faleceu: \_\_\_\_\_

Se vivo, indique a idade atual: \_\_\_\_\_

Ocupação: \_\_\_\_\_ Saúde: \_\_\_\_\_

Mãe: ( ) Vivo ou ( ) Falecida: Causa do falecimento: \_\_\_\_\_

Sua idade quando sua mãe faleceu: \_\_\_\_\_

Se viva, indique a idade atual: \_\_\_\_\_

Ocupação: \_\_\_\_\_ Saúde: \_\_\_\_\_

#### Irmãos:

Número de irmãos: \_\_\_\_\_ Idade(s): \_\_\_\_\_

Número de irmãs: \_\_\_\_\_ Idade(s): \_\_\_\_\_

#### Relacionamento com irmãos e irmãs:

Passado: \_\_\_\_\_

Atual: \_\_\_\_\_

Como classifica seu relacionamento com seus irmãos no passado e atualmente?

( ) Ruim ( ) Regular ( ) Bom ( ) Muito bom ( ) Ótimo

Como é a sua relação com seu pai, como é a atitude dele em relação a você (passada e atual):

Como classifica seu relacionamento com seu pai no passado e atualmente?

( ) Ruim ( ) Regular ( ) Bom ( ) Muito bom ( ) Ótimo

Como é a sua relação com sua mãe, como é a atitude dela em relação a você (passada e atual):

Como classifica seu relacionamento com sua mãe no passado e atualmente?

( ) Ruim ( ) Regular ( ) Bom ( ) Muito bom ( ) Ótimo

De que modo você era educado pelos seus pais, quando criança?

De uma descrição do ambiente de sua casa (ou seja, a casa em que você cresceu). (Mencione o estado de compatibilidade entre seus pais e entre os pais e os filhos).

Você confiava em seus pais?

( ) nada ( ) muito pouco ( ) um pouco ( ) muito ( ) bastante

Você se sentia compreendido pelos seus pais?

( ) nada ( ) pouco ( ) regularmente ( ) muito ( ) bastante

Se você teve um padrasto (ou madrasta), dê sua idade quando o seu pai (ou sua mãe) se casou de novo: \_\_\_\_\_

Como era o seu relacionamento com seu padrasto (madrasta)?

Alguém da sua família interferiu negativamente em sua vida de alguma forma (namoro, amigos, curso, orientação sexual, etc.)? Quem? Como foi isso?

Algun membro de sua família sofre de alcoolismo, epilepsia ou alguma coisa que pode ser considerada “Transtorno mental” ? Quem? Sofria ou sofre de quê? \_\_\_\_\_

## Apêndice 2. Termo de consentimento livre e esclarecido para participação em pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL DE DO DESENVOLVIMENTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

**Título:** INVESTIGAÇÃO SOBRE ASSOCIAÇÕES ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E DÉFICIT RELACIONAL.

**Pesquisador Responsável:** Prof. Dr. Sávio Silveira de Queiroz, docente do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento da UFES, telefone para contato (27) 81348960.

**Aluno:** Rafael Rubens de Queiroz Balbi Neto, psicólogo, aluno de mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, UFES, telefone para contato (27) 88172019.

**Objetivo resumido da Pesquisa:** analisar as relações entre indicadores de Déficit Relacional no Método de Rorschach e dados sobre Relacionamento Interpessoal.

**Síntese dos Procedimentos:** os participantes responderão instrumentos de avaliação geral e específica, sendo um instrumento psicológico de avaliação de personalidade, o Método de Rorschach no Sistema Compreensivo, e uma entrevista qualitativa semi-estruturada. Todas as respostas serão anotadas e também filmadas. Ocorrerá devolução dos resultados conforme solicitação do participante, em horário previamente acordado. Os procedimentos não implicam em risco de qualquer espécie para os participantes.

**Consentimento:** *Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, em pleno uso e gozo de minhas faculdades mentais, declaro que aceito participar da pesquisa acima referida sem nenhum ônus financeiro, pessoal ou moral. Tenho conhecimento de que os resultados deste estudo poderão ser apresentados em reuniões e publicações de cunho científico; entretanto, recebi garantias de que serão mantidos absoluto sigilo e respeito sobre minha identidade. Declaro ainda ter plena liberdade para me retirar deste estudo a qualquer momento que decidir, sem que haja nenhum tipo de ônus ou constrangimento. Considero plenamente satisfatórias as informações prestadas, bem como as respostas às dúvidas por mim suscitadas e responsabilizando-me pela veracidade das informações por mim fornecidas. Sabendo que posso ter mais informações sobre esta pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa de UFES (telefone de contato 27 33357211). Assim, aceito assinar o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias.*

RG ou Carteira Profissional da participante: \_\_\_\_\_ Órgão Emissor: \_\_\_\_\_

Vitória, ES, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010.

\_\_\_\_\_  
Participante

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Sávio Silveira de  
Queiroz

\_\_\_\_\_  
Rafael R. de Q. Balbi Neto

### Apêndice 3. Exemplo ilustrativo de tematização de uma entrevista

O texto abaixo são trechos da entrevista de P13 que foram transcritos, analisados e apresentados nos resultados. Outros trechos foram transcritos e analisados, mas não foram apresentados nos resultados, pois são dados de variáveis de controle.

As frases entre colchetes são informações que não foram transcritas: 1) Em itálico: sintetizam a ideia principal das categorias temáticas nesta entrevista; 2) Sem itálico: ações da participante.

[...]

E: Como você classifica o seu relacionamento com seus amigos entre “Ruim”, “Regular”, “Bom”, “Muito Bom” e “Ótimo”?

P: Muito bom

E: Como assim “Muito Bom”? O que faz desse relacionamento muito bom?

P: Cumplicidade.

E: O que é cumplicidade?

P: Respeito, entender o outro. [*Grande proximidade com os amigos*]

E: Descreve melhor isso. Como é ter respeito, como é entender melhor o outro?

P: ...

E: O que vocês fazem quando vocês estão juntos?

P: Conversa muito. [*Atividades agradáveis realizadas com os amigos*]

E: o que mais?

P: Sai pouco, conversa mais. [*Atividades agradáveis realizadas com os amigos*]

E: Que tipo de coisa vocês conversam?

P: Conversa de tudo, fala coisas íntimas, fala sobre problemas de relacionamentos. [*Grande proximidade com os amigos*]

E: Com assim problemas de relacionamentos?

P: Tudo que o outro esteja passando. A gente ouve, troca de tudo. Tudo que vier na cabeça, coisas de relacionamento de maneira geral. [*Grande proximidade com os amigos*]

E: Você disse que durante o fim de semana você estuda. Quando você conversa com seus amigos?

P: Encontro meus amigos durante a semana.

E: Como assim? Como vocês se encontram?

P: São os amigos a universidade. Mas tem os amigos lá da Bahia.

E: como você conversa com os amigos que estão na Bahia?

P: Pela internet, mais no final de semana.

E: com que frequência você conversa com seus amigos da Bahia?

P: nem sempre.

E: como assim?

P: É raro. Porque nem sempre é conversa assim no “MSN” é troca de e-mail.

E: Você acha que as pessoas de maneira geral se aproveitam de você? “Não” se aproveitam, se aproveitam “Muito Pouco”, “Um pouco”, “Muito”, ou “muito mais que a maioria das pessoas”

P: Muito Pouco

E: Como as pessoas se aproveitam de você, fazendo pedidos que você não gostaria de atender?

P: Não sei, eu sou muito besta. [*Não sei como as pessoas se aproveitam de mim*]

E: Como assim besta?

P: Acredito muito nas pessoas.

E: Você consegue explicar melhor isso?

P: Achava que eram minhas amigas, mas não eram. Eu só fui descobri depois.

E: Como você tem se comportado para evitar que as pessoas se aproveitem de você?

P: Quando não quero fazer algo, fico quieta, pois já sou muito fechada. [*Eu me afasto*]

[...]

E: Como você descreve o seu relacionamento com seu irmão?

P: Meu irmão foi crescendo e foi ficando melhor o relacionamento com ele. [*Melhora no relacionamento com os irmãos com o tempo*]

E: Como assim foi ficando melhor?

P: Pois quando ele nasceu eu tinha muito ciúme. Ele foi crescendo, a gente foi conversando e ele foi se abrindo. Quando ele era pequeno minha mãe fazia mamadeira para ele e tinha que fazer para mim também. Ele foi crescendo e as coisas foram melhorando. [*Melhora no relacionamento com os irmãos com o tempo*]

E: Como classifica seu relacionamento com seus irmãos no passado entre “Ruim”, “Regular”, “Bom”, “Muito Bom” e “Ótimo”?

P: “Bom”

E: e atualmente?

P: “Ótimo”

E: “Ótimo” como?

P: ele foi crescendo e foi se adaptando, ele foi aprendendo a se dar comigo melhor. Vai passando essa fase de adolescente e vai melhorando.

E: Como você classifica seu relacionamento com seu pai no passado entre “Ruim”, “Regular”, “Bom”, “Muito Bom” e “Ótimo”?

P: Regular

E: No passado?

P: E hoje também. Hoje ainda é pior [Ruim].

E: Como era a sua relação com seu pai no passado?

P: Não tinha muita relação com ele. [*Distanciamento no relacionamento com o pai*]

E: e agora? Como é?

P: Agora é pior ainda, não ligo mais. No passado minha mãe falava: “minha filha liga para seu pai, fala com ele, entra em contato”, ai eu fui crescendo, foi ficando rebelde, ai eu não ligo mais, deixo ele ligar. [*Distanciamento no relacionamento com o pai*]

E: E com relação a sua mãe? Como era a relação com sua mãe no passado entre “Ruim”, “Regular”, “Bom”, “Muito Bom” e “Ótimo”?

P: É ótimo [Sorriso]. A gente sempre foi muito apegada uma com a outra. [Afeto e proximidade no relacionamento com a mãe]

E: Como foi sua relação com sua mãe no passado e agora?

P: Eu sempre fui mais calada.

E: Você diz que você foi mais calada. E como é hoje?



P: Hoje eu falo mais, às vezes eu vejo algumas coisas erradas, puxo a orelha dela.

[*Desentendimento e respeito no relacionamento com a mãe*]

E: Como assim “coisas erradas”? Explique melhor.

P: Algumas ideias que ela tem que acho que são passadas.

E: Que tipo de ideias?

P: Ela tem alguns pensamentos errados e eu puxo orelha dela. [*Desentendimento e respeito no relacionamento com a mãe*]

E: Pensamentos errados? Como assim?

P: Pensamentos de preconceito

E: Que tipo de preconceito?

P: Pensamentos de preconceito nos relacionamentos. Esse ela tem muito.

E: Como assim?

P: Eh... tem tanto preconceito... [riso]

E: E como você puxa a orelha dela?

P: Eu não falo sério, mas fico brincando [*Desentendimento e respeito no relacionamento com a mãe*]

E: E como isso afeta o relacionamento de vocês?

P: Melhora.

E: Você disse que no passado você falava pouco. Como era esse “falar pouco”? Como você se sentia?

P: É muito assim: “Minha mãe diz e eu faço”.

Apêndice 4. Quadros resumos das categorias temáticas das repostas dos entrevistados do Estudo 3

A seguir, encontram-se quadros resumos esquemáticos sobre as categorias temáticas descritas no Estudo 3. As frases em itálico e deslocadas para direita representam subcategorias temáticas. As categorias semelhantes ou idênticas foram pareadas uma ao lado da outra. Todavia, categorias exclusivas em um dos dois grupos foram pareadas com uma linha tracejada no grupo oposto.

<b>Baixo em HS – Grupo 01</b>	<b>Positivo para o CDI – Grupo 02</b>
<p>As pessoas me pedem dinheiro e favores</p> <p>A percepção do “aproveitam-se de mim”</p> <p><i>As pessoas não se aproveitam de mim*</i></p> <p><i>As pessoas se aproveitam de mim</i></p> <p><i>Não sei como as pessoas se aproveitam de mim</i></p> <p>Formas de lidar com a demanda social</p> <p><i>Eu (acho que) sei dizer não</i></p> <p><i>Eu me afasto</i></p> <p><i>Eu tenho dificuldade para dizer não</i></p>	<p>As pessoas me pedem dinheiro e favores</p> <p>A percepção do “aproveitam-se de mim”</p> <p>-----</p> <p><i>As pessoas se aproveitam de mim</i></p> <p><i>Não sei como as pessoas se aproveitam de mim</i></p> <p>Formas de lidar com a demanda social</p> <p><i>Eu (acho que) sei dizer não</i></p> <p><i>Eu me afasto **</i></p> <p><i>Eu tenho dificuldade para dizer não</i></p>

Figura 4.1. Quadro resumo das categorias temáticas das repostas dos entrevistados sobre demandas sociais.

\*Categoria temática exclusiva do Grupo 01.

\*\*Categoria temática idêntica à do Grupo 01

<b>Baixo para HS – Grupo 1</b>	<b>Positivo para CDI – Grupo 2</b>
<b>Relacionamento com os amigos</b>	<b>Relacionamento com os amigos</b>
Qualificação do relacionamento com os amigos <i>Grande proximidade com os amigos</i> <i>Pouca proximidade com os amigos*</i> <i>Ausência ou resolução de conflitos com os amigos</i>	Qualificação do relacionamento com os amigos <i>Grande proximidade com os amigos</i> ----- <i>Ausência ou resolução de conflitos com os amigos</i>
Atividades agradáveis realizadas com os amigos	Atividades agradáveis realizadas com os amigos
<b>Relacionamento com os irmãos</b>	<b>Relacionamento com os irmãos</b>
Qualificação no relacionamento com os irmãos <i>Conflitos no relacionamento com os irmãos no passado*</i> <i>Distanciamento no relacionamento atual com os irmãos*</i> <i>Afetividade no relacionamento com os irmãos</i>	----- ----- Afetividade no relacionamento com os irmãos  Melhora no relacionamento com os irmãos com o tempo  -----
Melhora no relacionamento com os irmãos com o tempo	Melhora no relacionamento com os irmãos com o tempo
Melhor relacionamento com a irmã do que com o irmão*	-----

Figura 4.2. Quadro resumo das categorias temáticas das repostas dos entrevistados sobre relacionamento interpessoal com amigos e irmãos.

\*Categoria temática exclusiva do Grupo 01.

<b>Baixo para HS– Grupo 1</b>	<b>Positivo para CDI – Grupo 2</b>
<b>Relacionamento com o pai</b>	<b>Relacionamento com o pai</b>
Qualificação no relacionamento com o pai <i>Intimidade no relacionamento com o pai</i> <i>Distanciamento no relacionamento com o pai</i> <i>Conflito e desrespeito no relacionamento com o pai</i>  Atividades agradáveis realizadas com o pai	Qualificação no relacionamento com o pai <i>Intimidade no relacionamento com o pai</i> <i>Distanciamento no relacionamento com o pai**</i> <i>Conflito e desrespeito no relacionamento com o pai**</i>  Atividades agradáveis realizadas com o pai
<b>Relacionamento com a mãe</b>	<b>Relacionamento com a mãe</b>
Qualificação no relacionamento com a mãe <i>Afeto e proximidade no relacionamento com a mãe</i> <i>Respeito no relacionamento com a mãe*</i> <i>Conflitos e desentendimentos no relacionamento com a mãe*</i>  ----- Atividades agradáveis realizadas com a mãe	Afeto e proximidade no relacionamento com a mãe ----- -----  Desentendimento e respeito no relacionamento com a mãe*** Atividades agradáveis realizadas com a mãe

Figura 4.3. Quadro resumo das categorias temáticas das repostas dos entrevistados sobre relacionamento interpessoal com pai e mãe.

\*Categoria temática exclusiva do Grupo 01.

\*\*Categoria temática idêntica à do Grupo 01

\*\*\*Categoria temática exclusiva do Grupo 02.